Boletim
da
Sociedade Brasileira de Mastozoologia

Número 50 ISSN 1808-0413
Dezembro 2007

**Sociedade Brasileira
de
Mastozoologia**

EDITORIAL

A Sociedade Brasileira de Mastozoologia vem expressar sua indignação em relação ao anteprojeto de lei dispondo sobre coleta, transporte e acesso a recursos genéticos e seus derivados para pesquisa científica, que se encontra em consulta pública na Casa Civil até o dia 28 de fevereiro de 2008, e que visa substituir, em parte, a atual legislação, conhecida com "Lei de proteção à Fauna" (Lei nº 5197 de 3 de janeiro de 1967).

O anteprojeto de Lei, publicado no DOU de 28.11.2007, contém tantos problemas de estrutura, conteúdo e formulação, que tornam inúteis quaisquer emendas, sendo imprescindível uma total reestruturação baseada em princípios completamente diferentes dos atuais.

Em particular, chama a atenção que a proposta em foco elimine a concessão das licenças permanentes como um direito inalienável dos pesquisadores, condição garantida pelo artigo 14 da lei 5197 de 03 de janeiro de 1967, o qual seria revogado pelo artigo 141 parágrafo 1 deste APL. Na prática, tal medida implica na perda de independência dos órgãos de pesquisa e abre caminho para ingerências as mais diversas no processo de produção do conhecimento sobre a biodiversidade nacional.

Para se pleitear uma licença de coleta científica será um pré-requisito que o solicitante se registre no Cadastro Técnico Federal das Atividades Potencialmente Poluidoras ou Utilizadoras de Recursos Ambientais - CTFAP - (Art. 18 parágrafo I). A partir daí começa a peregrinação atrás de todo o tipo de autorizações que estão listadas nos Artigos 18 e 19. Para os cientistas, o APL é um retrocesso em relação à IN de coletas que foi publicada em março de 2007. Ele não considerou os pontos sobre os quais os representantes das sociedades científicas se debateram durante mais de um ano, e agora estaremos em uma situação pior do que estávamos antes da IN 154.

A licença permanente de coleta entrou em vigor através da Lei 5.197 de 1967, sendo emitida até a década de 1980. Após este período, os pesquisadores tiveram este direito negado sem que a legislação tivesse sido alterada. Durante todos estes anos houve um intenso debate em relação à coleta de material biológico para fins didáticos e científicos, e finalmente em 2007, através da Instrução Normativa 154, este importante direito previsto em lei foi incluído e regulamentado, graças à insistência dos representantes das sociedades científicas participantes no CAT-Sisbio e a despeito dos reiterados entraves criados pelo IBAMA. Infelizmente, porém, todo este debate e este direito reconquistado foram ignorados no APL, já que o mesmo extingue a licença permanente de coleta para pesquisadores. Será possível obter uma licença permanente de remessa e transporte de material biológico, mas não uma licença permanente de coleta de material biológico. Sem falar na crescente burocracia e dispêndio de tempo para a expedição das autorizações de coletas e suas respectivas renovações que estarão sujeitas às mais diversas exigências em um sem-número de instâncias. Como poderemos continuar produzindo conhecimento em Zoologia dessa maneira?

Como um todo, o texto do referido APL está impregnado de um espírito absolutamente contrário às atividades científicas, de tal forma que sua aprovação implicará em danos irrecuperáveis para a pesquisa, ensino e desenvolvimento tecnológico e industrial do país. Por essas razões a SBMz rejeita completamente o Anteprojeto de Lei em apreço e recomenda que o mesmo seja rechaçado em sua totalidade no âmbito do Fórum de Sociedades afins à Zoologia.

Sociedade Brasileira da Mastozoologia

Texto elaborado pela direção da SBMz a partir das contribuições dos membros que responderam à convocação para análise do APL em consulta pública até 28/02/2008, para ser levado à reunião do Fórum de Sociedades Afins à Zoologia, a se realizar no dia 21/02/2008 durante o XXIX Congresso Brasileiro de Zoologia.

REVISÕES

Descrição externa dos mamíferos. 2. Medidas externas do corpo.

Rui Cerqueira[16]
Laboratório de Vertebrados, Departamento de Ecologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Um conjunto de medidas externas do corpo de um mamífero é geralmente obtido durante o levantamento de informações. Tais medidas são utilizadas em dois conjuntos de análises que não se excluem: na descrição com finalidades taxonômicas, e em estudos ecológicos e evolutivos. Estes dois conjuntos estão intimamente relacionados, pois mensurações são básicas para compreender a variação tanto intra1 quanto interespecífica[2]. Medidas ecológicas propriamente ditas como, por exemplo, estrutura do habitat[3], padrões de atividade[4], ou mudanças na dieta[5] podem variar no tempo e no espaço. Já a morfologia pode prover uma descrição que melhor generaliza a posição ecológica de uma dada espécie. Quando se comparam medidas ecológicas e morfológicas, estas últimas, em geral, predizem uma maior proporção da variação na ecologia do que estas predizem na morfologia[6]. É quase lugar comum dizer-se que a variação intraespecífica é base da variação interespecífica[7].

Algumas medidas são padronizadas para quase todos os mamíferos. Certas ordens, no entanto, têm mensurações que são características do estudo do grupo. As medidas podem ser tomadas de qualquer parte do corpo. Em geral, quando se pensa em estudos morfométricos, as mensurações são osteológicas. Pode-se considerar que, qualquer que seja a medida feita, ela necessita ser obtida a partir de estruturas homólogas em todos os exemplares medidos. Estas estruturas, apesar de apresentarem a mesma origem evolutiva, nem sempre são concebidas como partes correspondentes em organismos distintos[8]. Chama-se a atenção de que as medidas devem ser tomadas em pontos que sejam equivalentes a marcos geodésicos (*landmarks*), isto é, que não mudem sua posição relativa quando a estrutura muda[8]. Por exemplo, a ponta do nariz (focinho) de um animal corresponde a uma posição relativa às demais estruturas que é homóloga em qualquer mamífero.

É comum o comentário de que as medidas feitas externamente teriam uma variabilidade muito grande sendo, portanto, menos precisas. O trabalho de Carvalho e colaboradores[9] mostrou que medidas externas tomadas de animais vivos apresentaram uma alta correlação com as tomadas posteriormente ao sacrifício dos mesmos, todas com $r^2>0,97$. Desta maneira as medidas, desde que tomadas sempre nos mesmos marcos e feitas com o máximo rigor[10], correspondem a estruturas homólogas e são razoavelmente precisas.

As mensurações aqui reunidas são aquelas mais usuais. Inicialmente são relatadas as medidas padrão no Brasil tal como delineadas por Moojen[10]. A maior parte dos exemplares depositados no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a nossa coleção nacional, apresenta estas medidas padrão. Este autor chama a atenção de que as medidas devem ser feitas sobre o animal recentemente morto, e que estas não podem ser substituídas por outras que se façam sobre a pele preparada. No caso do animal não ser sacrificado, pode ser necessário a anestesia do mesmo antes que as medidas sejam tomadas. No entanto, mesmo medidas externas tomadas no campo podem ser feitas imobilizando-se o animal a ser medido, com cuidado para não maltratá-lo. Tais medidas podem apresentar um erro um pouco maior do que as realizadas sobre um animal anestesiado ou morto, mas são imprescindíveis em muitos estudos ecológicos.

As partes e planos do corpo seguem a nomenclatura de artigo anterior[11], sendo que o nome das partes em latim encontra-se em itálico.

Medidas externas padrão para pequenos mamíferos não voadores

São cinco as medidas padrão descritas por Moojen[10]: comprimento da cabeça e corpo, comprimento da cauda, comprimento dos pés posteriores, e

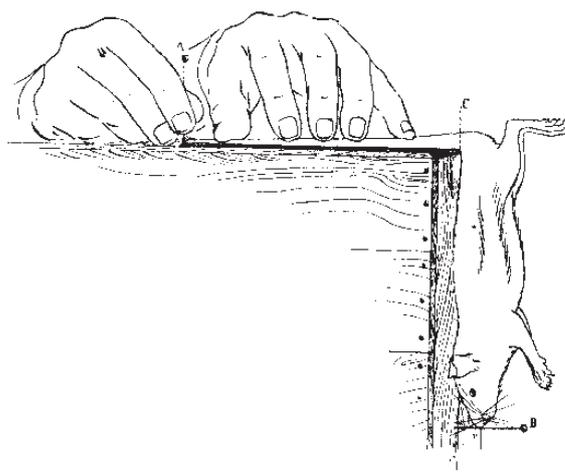



Figura 1. *Medida da cabeça e corpo. Comprimento da cauda de A a C. Comprimento da cabeça e corpo de C a B. Maiores explicações no texto.(Segundo Moojen[10]).*

Figura 2. Modelo de régua. Note que esta não é a régua escolar, pois seu ponto zero termina na extremidade. O mastozoólogo deve ter pelo menos duas réguas, uma pequena de até 100mm e outra com, pelo menos, 1000mm.

comprimento da orelha interna e massa corpórea. Estas medidas podem ser consideradas como medidas padrão brasileiras dado que nossa maior coleção, a do Museu Nacional, seguiu este padrão, e a maior parte dos exemplares depositados em outras coleções científicas nacionais também foi medida desta forma. Outras medidas podem ser eventualmente tomadas.

Um método apropriado para realizar estas mensurações é a utilização de uma caixa de madeira (macia) onde o animal é estendido sobre a parte superior e lateral da mesma, com a cauda na parte horizontal e o corpo na vertical[10]. A cauda é puxada até que a base desta coincida com a aresta da caixa (marco C). Marca-se então com um alfinete (entomológico de preferência por ser mais fino) o ponto extremo da cauda (marco A). Com a mão livre, comprime-se a garganta do animal apertando levemente o corpo e a cabeça sobre a lateral da caixa segurando-o, enquanto que a outra mão que segurava a cauda é usada, então, para fixar outro alfinete na ponta do focinho (o *rhinarium*[11], marco B). A Figura 1 mostra a operação para a mensuração. Depois da fixação dos alfinetes, mede-se a distância entre os pontos A-C =comprimento da cauda, e C-B = comprimento do corpo. As medidas são expressas em milímetros. Para isto deve-se usar uma régua metálica que tenha o zero em sua extremidade (Figura 2). Esta régua é equipamento padrão do mastozoólogo, e é utilizada para realizar a maioria das medidas.

1. Comprimento da cabeça e corpo – A extensão que vai da ponta do *rhinarium* à base da cauda (próximo ao ânus). Posteriormente ao procedimento acima descrito, a medida é feita entre os alfinetes fixados na caixa (Figura 1). Esta medida pode ser tomada com o animal vivo utilizando-se uma régua e comprimindo-se levemente o animal contra ela, com o *rostrum* sendo estendido para frente de tal forma que este fique no mesmo plano que a coluna vertebral.

2. Comprimento da cauda – A extensão que vai desde a base até a ponta da cauda, excluindo-se o *penicillum*, ou seja, os pêlos terminais. (Figura 1). Outra forma de tomar esta medida é dobrando-se a cauda num ângulo reto em relação ao corpo, e medindo a distância do vértice deste ângulo até a parte distal da ultima vértebra, também se excluindo o *penicillum*[12] (Figura 3). Esta segunda forma, padrão americano, é a escolhida para mensurações de animais vivos no campo. Note-se que a cauda medida desta forma não produz medida homóloga à do padrão brasileiro. Esta última mede a estrutura desde a primeira vértebra caudal enquanto que o padrão americano mede a cauda sem levar em consideração se as primeiras vértebras estão ou não incluídas na medição.

As medidas seguintes devem ser feitas sempre do mesmo lado, convencionalmente o direito.

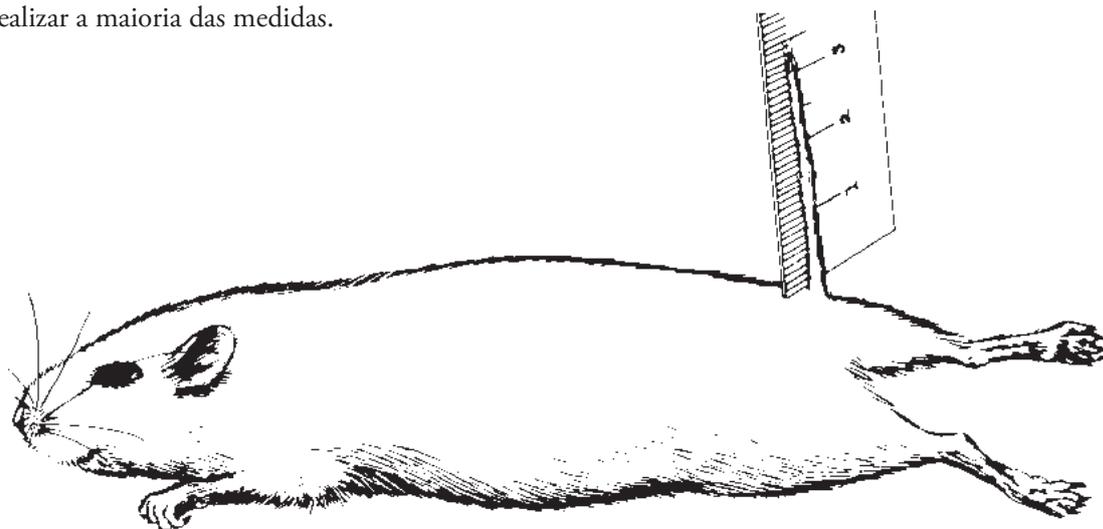



Figura 3. Medida da cauda. Medida padrão americano. É equivalente ao padrão brasileiro mas, preferencialmente, deve ser utilizada em animais vivos no campo (Segundo Setzer[12])

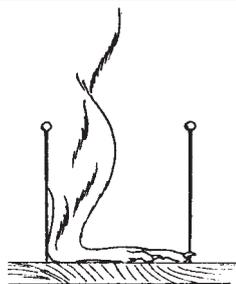



Figura 4. Medida do Pé. Padrão brasileiro para animais sacrificados. Maiores explicações no texto.(Segundo Moojen[10]).

3. Comprimento dos pés posteriores (podia) – A extensão plantar, tomada do calcanhar ao extremo do dedo mais longo (geralmente o médio), excluindo pêlos e unha (garra). Pode-se, além disto, tomara mesma medida incluindo-se a unha. Neste caso as duas medidas (comprimento do pé com e sem unha) devem ser tomadas. (Figura 4). A medida pode ser tomada diretamente sobre a régua, seguindo o método padrão americano[13] considerando-se a unha. Este método é mais adequado para medir animais vivos no campo (Figura 5). No caso de animais com casco, a medida é tomada desde o calcanhar até a ponta do casco[13] (Figura 6).

4. Comprimento da orelha interna (aurícula interna) – A extensão tomada do entalhe inferior até o bordo da orelha. (Figura 7)

5. Comprimento da orelha externa (aurícula externa) – Algumas vezes é tomada a medida da orelha externa. Neste caso mede-se a região mediana da aurícula, desde sua ponta situada na *pinna* até a base, situada no *vertex*.

6. Massa – A massa corporal é estimada tomando-se o peso do animal. Estritamente esta medida não é a massa, mas é utilizada como equivalente. A massa é anotada sempre como peso. Em geral considera-se o peso como o indicador preferencial de tamanho[14]. A melhor forma de medir-se o peso de pequenos animais é tomando-se esta medida tão logo o animal é capturado, em geral ainda

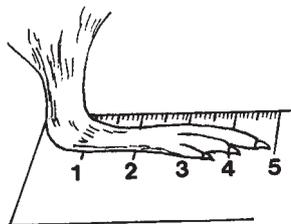



Figura 5. Medida do Pé. Outra forma de tomar esta medida utilizando-se diretamente a régua. Este método é mais adequado para animais vivos no campo (Segundo DeBlase & Martin[13]).

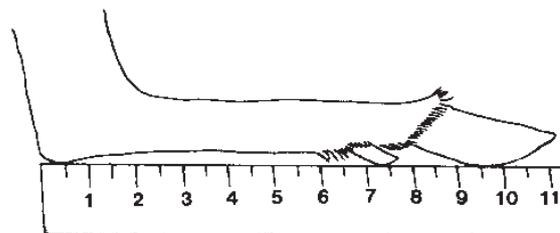



Figura 6. Medida do pé de animal com casco. (Segundo DeBlase & Martin[13]).

vivo. Para isto ele deve ser colocado num saco de pano com um fecho de cordão. O animal costuma ficar calmo depois de colocado no saco. O saco então é colocado em uma balança. Note-se que o saco deve ser pesado sem o animal e seu peso descontado do peso tomado. Existem muitas balanças que podem ir ao campo. No entanto, em geral, usam-se dinamômetros, os mais conhecidos são os da marca Pesola® (Figura 8). Existem vários modelos com intervalos diferentes entre peso máximo e mínimo. Deve-se utilizar o que apresenta intervalo mais próximo da ordem de grandeza do animal a ser estudado. A vantagem destes dinamômetros é que podem ser utilizados diretamente no campo ao lado da estação de captura.

Outras medidas tomadas em pequenos mamíferos não voadores

Existem outros padrões de medida utilizados em outros países. As medidas padrão usadas na América do Norte, por exemplo, apresentam algumas diferenças em relação ao padrão brasileiro. O padrão americano de medição abrange duas medidas: o comprimento total, e o comprimento da cauda. Note-se que se, eventualmente, somarmos as medidas 1 e 2 (padrão brasileiro), o comprimento total poderá ser distinto da medida americana.

7. Comprimento total – A extensão que vai desde o rhinarium até o apex da cauda. Coloca-se o animal em posição dorsal para que a espinha dorsal fique reta, mas não apertada contra a superfície. Coloca-se a cabeça

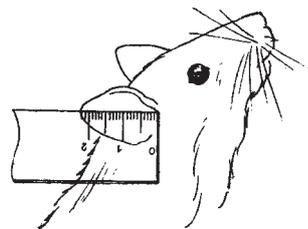



Figura 7. Medida da orelha interna. Maiores explicações no texto.(Segundo Moojen[10]).

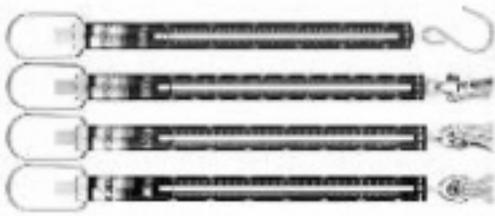



Figura 8. Balanças do tipo dinamômetro da marca Pesola®.

com o *rostrum* reto estendendo para frente no mesmo plano da coluna. Mede-se a distância entre o *rhinarium* e o *apex*, excluindo a parte do *penicillum* que esteja além do *apex*. Podem-se marcar com alfinetes as duas partes. (Figura 9).

8. Medidas externas de mastozoólogos europeus – Os europeus medem de forma ligeiramente distinta da dos americanos e brasileiros. A Figura 10 mostra a tomada destas medidas. Elas irão ter resultados distintos das obtidas pelos outros métodos aqui descritos[13].

Medidas externas padrão para mamíferos de médio e grande porte

As medidas tomadas em mamíferos terrestres médios e grandes são similares às anteriores. A Figura 11 mostra o padrão estabelecido por Moojen[10]. As medidas de circunferência também podem ser úteis em mamíferos pequenos. Eventualmente elas podem ser feitas em animais vivos com os cuidados e restrições já mencionadas.

9 – Medidas em grandes mamíferos (Figura 11).

AB – Comprimento da cabeça e corpo - similar à de pequenos mamíferos. BC - Comprimento da cauda - tomada de maneira similar à descrita no item 2.

DE - Comprimento do pé posterior – neste caso deve-se incluir a unha ou o casco, como descrito no item 3.

FG – Distância da orelha à articulação do braço com a escapula.

GH – Distância da articulação anterior à articulação

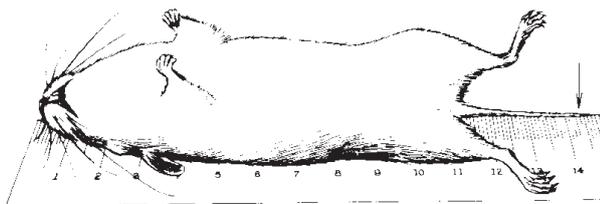



Figura 9. Medida do comprimento total do corpo. Padrão norte americano (Segundo Setzer[12]).

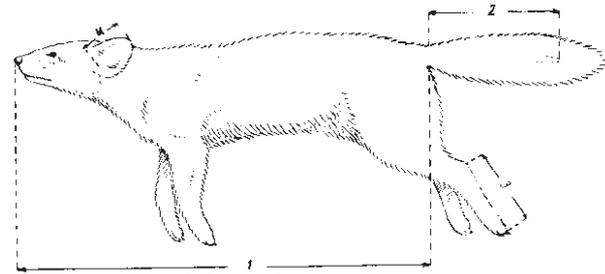



Figura 10. Medidas padrão européias. 1. Comprimento da cabeça e corpo. 2. Comprimento da cauda. 3. Pé posterior excluindo unhas. 4. Comprimento da orelha (Segundo Setzer[12]).

da coxa com a bacia.

IJ – Altura tomada na espádua.

1 e 2 – Circunferências do pescoço anterior e posterior.

3 – Circunferência na altura da axila.

4 – Circunferência máxima.

5 – Circunferência inguinal.

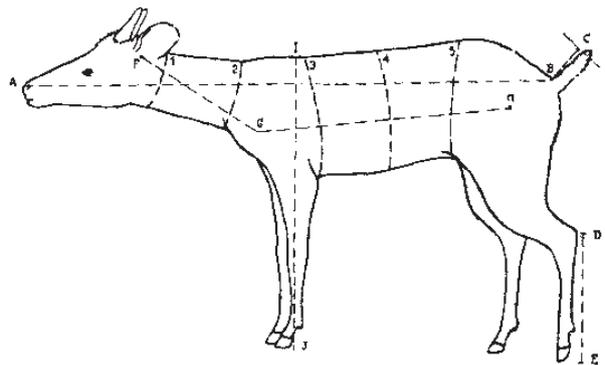



Figura 11. Medidas externas de grandes mamíferos (Segundo Moojen[10]). Maiores explicações no texto.

Medidas tomadas em animais vivos

10 – Medidas externas dos membros – Em algumas situações é necessário tomar medidas externas dos membros de animais vivos, por exemplo, em estudos sobre locomoção na natureza ou em laboratório. Uma proposta neste sentido foi feita por Carvalho e colaboradores[9]. Eles fizeram medidas externas e depois as compararam com medidas dos ossos correspondentes, mostrando a alta correlação entre estas medidas (Figura 12). As mensurações propostas são:

a) Comprimento do *brachium* – A extensão que vai desde o ponto mais proximal da articulação do *brachium* com a escapula pela superfície cranial, até o ponto mais proximal do *antebrachium* tomado pela superfície caudal do processo olecraniano (ponta do cotovelo).

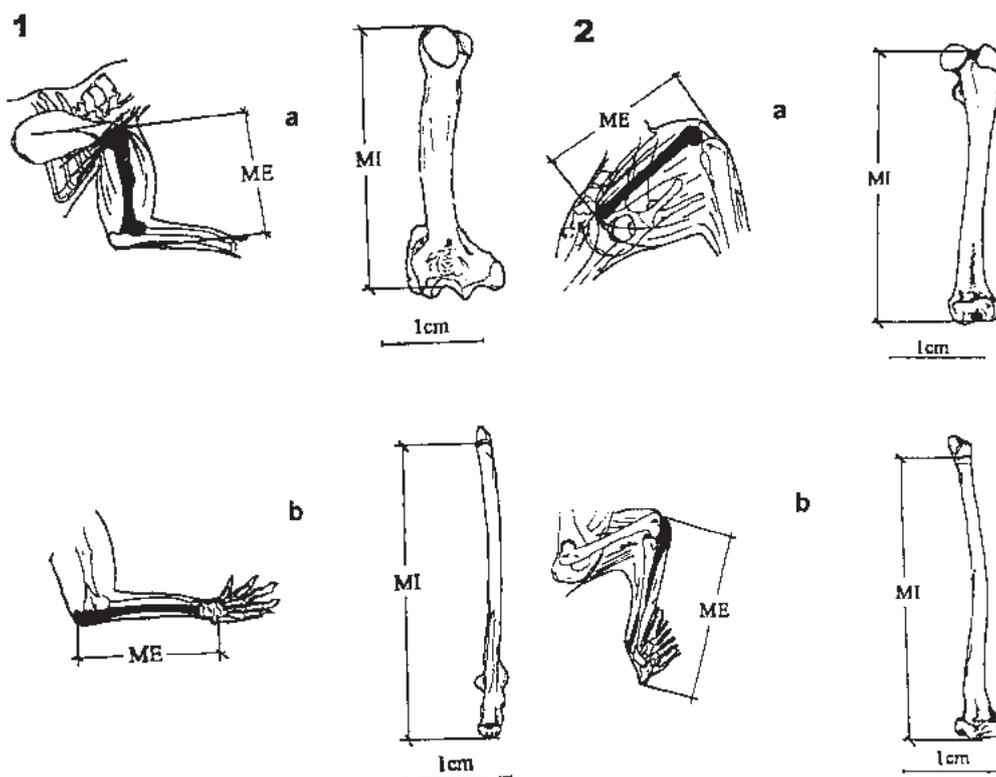



Figura 12. Medidas externas de membros anteriores. 1a. Comprimento do brachium *(ME) e do úmero (MI). 1b. Comprimento do* antebrachium *(ME) e da ulna (MI). 2a. Comprimento da crura (ME) e do fêmur (MI). 2b. Comprimento da perna (ME) e da tíbia (MI) (Segundo Carvalho* et al.*[9]).*

b) Comprimento do *antebrachium* – A extensão que vai desde o ponto mais anterior da articulação do pulso (i.e. articulação do *antebrachium* com a *manus*) até o ponto mais proximal do *antebrachium* na extremidade posterior do olecrano tomado pela superfície caudal.

c) Comprimento da *crura* – A extensão que vai desde o ponto mais proximal da *crura* na articulação com a cintura (no maior trocanter do fêmur) até o ponto mais distal na articulação do joelho (um ponto mediano ente os dois côndilos laterais do fêmur) tomado pela superfície cranial.

d) Comprimento da perna – A extensão que vai desde o ponto mais proximal na superfície lateral do calcanhar (osso calcâneo) até o ponto mais proximal da perna na articulação do joelho.

Medidas externas padrão para quirópteros

As medidas a seguir descritas são as propostas por Handley[15].

11. Comprimento total – A distância compreendida entre a ponta do *rhinarium* até o *apex*. A medida é

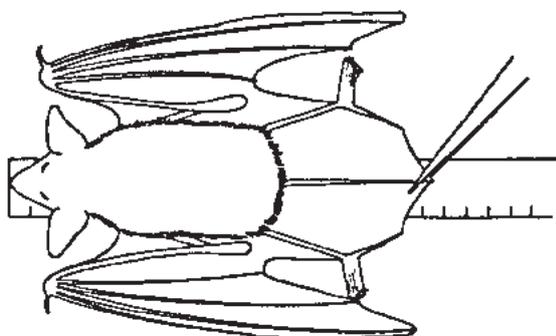



Figura 13. Medida padrão do comprimento total de morcegos com cauda (Segundo Handley[15]).

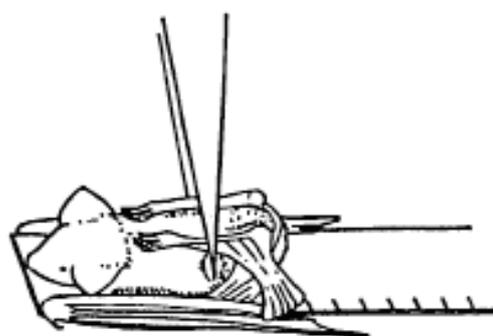



Figura 14. Medida padrão do comprimento total de morcegos sem cauda (Segundo Handley[15]).

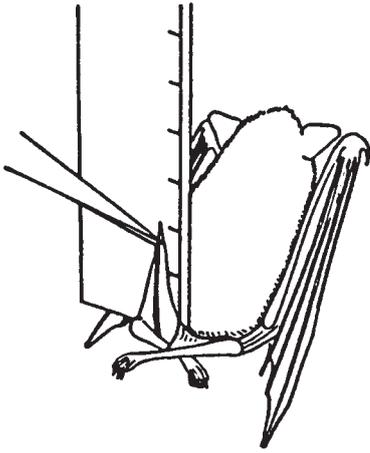



Figura 15. Medida padrão da cauda de morcegos (Segundo Handley[15]).

tomada com o morcego em posição ventral sobre a régua. Alguns tomam a medida em posição dorsal. Coloca-se a ponta do *rhinarium* no zero da régua comprimindo o animal levemente sobre a superfície, de forma que ele fique com a porção ventral reta sobre a régua. Se segura o *apex* fortemente com um fórceps, e quando a cauda estiver completamente estendida lê-se o comprimento (Figura 13).

Quando o morcego não possui cauda, coloca-se o animal sobre a régua com a parte ventral sobre a mesma, dobrando suas pernas traseiras contra os flancos, ao mesmo tempo em que segura sua cintura com o fórceps. Note que pernas e cinturas devem ser seguras ao mesmo tempo se o morcego for pequeno. Ao ficar nesta postura, o ísquio da pélvis fica protendido, assim como as partes posteriores do esqueleto. Comprime-se o *dorsum* de tal forma que o *rhinarium* fique no zero da régua. Toma-se a medida na porção posterior da pélvis. (Figura 14).

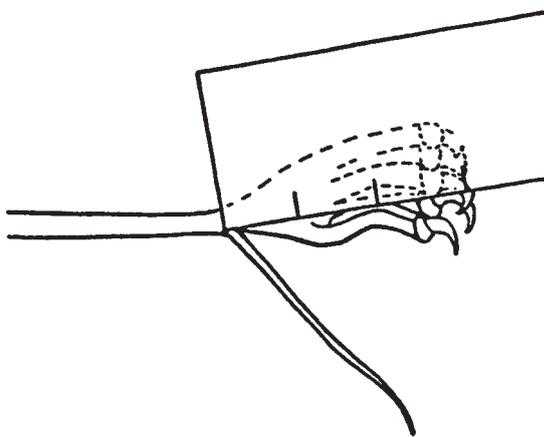



Figura 16. Medida do podium *em morcegos (Segundo Handley[15]).*

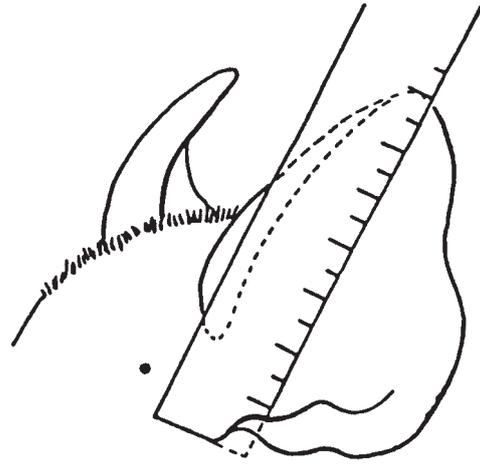



Figura 17. Medida da orelha em morcegos (Segundo Handley[15]).

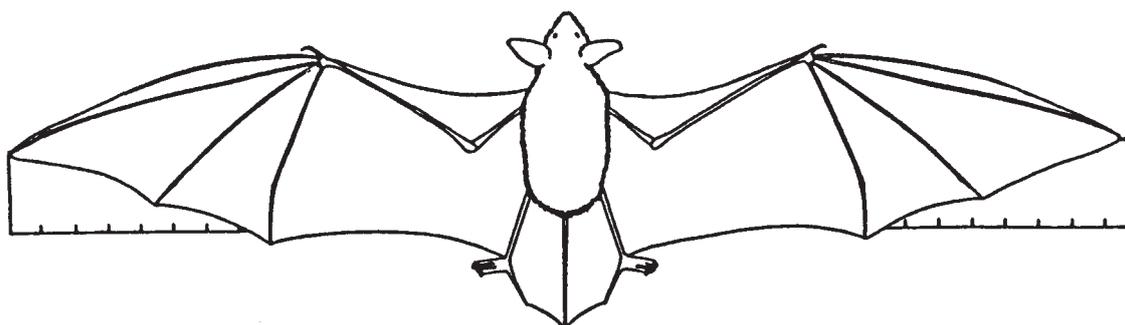
12. Comprimento da cauda – A distância que vai desde a base da cauda até a parte distal da ultima vértebra caudal. Se segura firmemente a vértebra terminal com um fórceps, comprimindo a cauda em ângulo reto em relação à coluna vertebral. Coloca-se o zero da régua no ângulo entre a cauda e a coluna, e lê-se o comprimento na ponta da cauda. (Figura 15).

13. Comprimento do podium – É a medida do *podium*, completamente estendido e plano. É medido da ponta do *digitus* mais comprido até a parte anterior interna do esporão do calcâneo em sua junção com a tíbia. Comprime-se o *podium* sobre a régua, com suavidade, colocando o ângulo interno do esporão no zero. A medida é lida na régua na ponta do *digitus* mais longo (Figura 16).

14. Comprimento da auricula – Compreende a distância entre o ângulo na base da *auricula* até sua porção distal. Se segura a porção distal com o polegar e o indicador, estendendo sem esticar em seu maior comprimento. Coloca-se o zero da régua sobre o ângulo formado na base, e lê-se a medida na ponta da aurícula (Figura 17).

15 – Extensão da asa – Compreende a distância entre as porções distais das asas completamente estendidas. Com o animal com a parte ventral sobre a régua, segura-s a parte cranial de cada asa próximo à porção distal, estendendo as asas, e lendo a distância entre as pontas das mesmas. (Figura 18).

16 – *Comprimento do tragus* – Esta parte da *auricula* pode ser medida de duas formas e, portanto, a medida feita deve ser especificada.

a) A medida preferida é a distância da inserção dorsal (anterior) do *tragus* até a sua ponta. Na verdade, é a medida da lâmina do *tragus* (Figura 19).

b) Uma medida alternativa é usada muitas vezes: o comprimento total do *tragus*. A medida é feita do ponto mais distal das folhações basais até a porção distal do *tragus* (Figura 19).

Referências e notas

1. Yablokov, A. V. 1974. Variability of mammals. Smithsonian Institution/Amerind Publishing, New Delhi.
2. Shvarts, S. S. 1977. The evolutionary ecology of animals. Consultants Bureau, New York.
3. Freitas, S. R.; Cerqueira, R. & Vieira, M.V. 2002. A device and standard variables to describe microhabitat structure of small mammals based on plant cover. Braz. J. Biol. 62:795-800.
4. Gentile, R & Cerqueira, R. 1995. Movement patterns of five species of small mammals in a Brazilian restinga. J. Trop. Ecol. 11:679-682.
5. Santori, R. T.; Astúa de Moraes, D.; Grelle, C. E. V. & Cerqueira, R. 1997.- Natural diet at a Restinga forest and laboratory food preferences of the opossum *Philander frenata* in Southeastern Brazil. Stud.Neotrop. Fauna Environm. 32:12-16.
6. Ricklefs, R. E & Miles, D. B. 1994. Ecological and evolutionary inferences from morphology: an ecological perspective. In P.C. Wainwright & S. M. Reilly (Eds.) Ecological morphology: Integrative organismal biology. University of Chicago Press, Chicago.
7. Mayr, E. 1963. Animal species and evolution. Belknap Press, Cambridge.
8. Bookstein, F. L.; Chernoff, B.; Elder, R. L.; Humphries Jr., J. M.; Smith, G. R. & Strauss, R. E. 1985. Morphometrics in evolutionary biology. Academy of Natural Sciences of Philadelphia, Special Publication 15, Philadelphia.
9. Carvalho, R. V. C.; Delciellos, A. C. & Vieira, M. V. 2000. Medidas externas dos membros de marsupiais didelfídeos: uma comparação com medidas do esqueleto pós-craniano. Bol. Mus. Nac. N. S. Zoologia. 438:1-8.
10. Moojen, J. 1943. Captura e preparação de pequenos mamíferos para coleções de estudo. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro.
11. Cerqueira, R. 2006. Descrição externa dos mamíferos.1. Partes do corpo, integumento e seus anexos.
12. Setzer, H. W. 1963. Directions for preserving mammals for museum study. U.S. National Museum Info. Leaflet 380:1-19.
13. DeBlase, A. F. & Martin, R. E. 1981. A manual of mammalogy, with keys to families of the World. Wm. C. Brown, Dubuque.
14. White, E. P.; Ernest, S. K. M; Kerkhoff, A. J. & Enquist, B. J. 2007. Relationship between body size and abundance in ecology. Trends Ecol. Evol. 22: 323-330.
15. Handley Jr, C. O. 1988. Specimen preparation. In T. H. Kunz (Ed.) Ecological and behavioral methods for the study of bats. Smithsonian Institution Press, Washington, D.C.

16. Gostaria de agradecer a dois revisores anônimos pelas críticas ao manuscrito. Este artigo foi uma conseqüência do trabalho empírico do autor que tem sido apoiado por auxílios da FAPERJ, FUJB, CNPq, MMA/GEF/PROBIO.

Figura 19. *Comprimento do tragus em morcegos (Segundo Handley[15]).*

TESES E DISSERTAÇÕES

Esbérard, C. E. L. 2004. Morcegos no Estado do Rio de Janeiro.

Tese de doutorado. Programa de Pós Graduação em Ecologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Helena Godoy Bergallo .

Neste estudo foram analisados vários aspectos da riqueza e composição de espécies de morcegos na Mata Atlântica do Estado do Rio de Janeiro. Para determinar quantas espécies de morcegos são reconhecidas no Estado do Rio de Janeiro, foi realizada uma análise histórica dos registros publicados de morcegos. Foi comparado o total obtido com duas estimativas disponíveis, pela latitude e pelos mapas de distribuição. O total de 71 espécies foi encontrado, mostrando-se maior que as estimativas. Oito famílias e 41 gêneros compuseram a fauna de morcegos desta unidade geopolítica, correspondendo a 74% das espécies da Mata Atlântica e 51,8% do Brasil. O uso do número estimado de espécies permite calcular quanto o total observado representa da fauna local e as curvas de acumulação de espécies permitem medir o quanto uma amostra está completa, a eficiência do método adotado e comparar diferentes inventários. Para determinar quais são os métodos de coleta mais adequados, foram testadas três metodologias: (i) coleta com redes de neblina por toda a noite; (ii) coleta com redes por até seis horas a cada noite e (iii) coleta com redes armadas por toda a noite combinada com a busca ativa por refúgios. As curvas de acumulação de espécies demonstraram que a adição de novas espécies mostrou-se mais acelerada na amostragem com redes abertas por 12 horas a cada noite, quando usada a unidade noites de coletas, mas com velocidade similar a amostragem com redes armadas por até seis horas a cada noite, quando usada a unidade horas de coleta. Como as listas de espécies são fontes de informações básicas para estudos, tanto de conservação quanto de macroecologia, é importante diferenciar entre listas relativamente completas daquelas seriamente incompletas. Foi avaliado se o esforço amostral mínimo normalmente usado em inventários, poderia afetar o número de espécies de morcegos amostrados em áreas de Mata Atlântica do sudeste do Brasil. Buscou-se ainda determinar se outros fatores, tais como, número de pontos amostrados, o tamanho da área de estudo e o esforço de captura, poderiam afetar a riqueza de espécies. O modelo não-linear se ajustou para os estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais e todos os estados juntos, mas não para o Estado de São Paulo. A riqueza de gêneros seguiu o mesmo padrão da riqueza de espécies. O modelo usado para explicar a relação entre riqueza de espécies e o tamanho da área de estudo, o número de pontos amostrados e o esforço amostral foi significativo. O número de pontos amostrados explicou uma porção adicional da variação observada. Foi sugerido 1000 capturas como o mínimo necessário para amostrar, com redes de neblina, a maioria das espécies de uma dada área. Por fim, sugere-se que a mudança na posição das redes em diferentes noites aumentando o número de pontos amostrados e a probabilidade de capturar um maior número de espécies. A urbanização resulta na redução de espécies especializadas. Apesar dos morcegos serem encontrados em todas as cidades brasileiras, muito pouco é conhecido das espécies em meio urbano. Foram listadas as espécies que vivem em um parque urbano e testada a hipótese de que as espécies urbanas são as mais comuns, largamente distribuídas ou mais hábeis em manter maiores áreas de atividade. Para testar a adaptabilidade das espécies capturadas no parque, foi calculado um índice de sensibilidade comparando a proporção de captura no parque e a proporção de captura em uma floresta próxima. Todas as espécies que tiveram índices de sensibilidade negativos usaram abrigos no interior do parque, apresentando grande adaptabilidade para áreas urbanas, enquanto, apenas 45% das espécies com índices positivos usaram refúgios no interior do parque. Existem mais insetívoros de áreas abertas e de clareiras na área urbana que na floresta. O oposto foi verdadeiro para as espécies "gleaners". As espécies capturadas no parque foram as mais freqüentes em inventários do sudeste brasileiro e várias apresentaram larga distribuição geográfica, apresentando maior plasticidade para o meio urbano. Foram analisadas ainda quais espécies eram mais freqüentemente capturadas em um fragmento florestal urbano, em uma amostragem de 6107 capturas, realizada no Maciço da Tijuca, em 29 diferentes pontos de coleta. O habitat foi classificado em interior, borda e área residencial. Das 43 espécies confirmadas 28 ocorreram no interior, 41 na borda e 20 na área residencial. Através da rarefação foi demonstrado que a borda mostra-se mais rica. Notou-se que as 20 espécies mais capturadas apresentam um gradiente, com seis espécies mais freqüentes a partir do interior para a borda, sete espécies foram mais freqüentes na área residencial e sete espécies mostram-se mais abundantes na borda. O

modelo para explicar a comunidade de espécies com o tipo de hábitat e a latitude foi significativo, no entanto, apenas a latitude explicou a variação observada no interior. Os pontos de coleta diferenciaram-se quando classificados quanto a vetrtente norte e sul. Como os morcegos têm sido propostos como bioindicadores das condições ambientais, foi tstada a adequação destes em ambientes em diferentes graus de desmatamento. A abundância de *Carollia perspicillata*, a riqueza e a abundância das espécies da subfamília Phyllostominae e a proporção de *Artibeus obscurus* foram testadas em 16 locais amostrados no sudeste do Brasil. A proporção de *C. perspicillata* e a riqueza de Phyllostominae foram maiores em locais mais íntegros do que em locais na Mata Atlântica onde o desmatamento foi realizado e a vegetação foi regenerada ou reflorestada. A proporção de *A. obscurus* não apresentou variação significativa entre locais íntegros e previamente desmatados, não se adequando como bioindicador. A partir de registros bibliográficos e de material depositado em coleções zoológicas, foram elaborados mapas de distribuição de espécies de morcegos no Estado do Rio de Janeiro para todas aquelas com mais de quatro localidades conhecidas. Foi notado que o conhecimento do grupo está concentrado e ainda permanece desconhecido em grandes áreas. Concluiu-se que a distribuição geográfica dos morcegos no Estado do Rio de Janeiro apresenta quatro padrões básicos: (i) espécies restritas a porções norte ou sul do estado, representando, provavelmente, o limite de sua distribuição geográfica; (ii) espécies mais freqüente ou restrita a áreas serranas; (iii) espécies mais freqüente ou restrita a pouca altitude e (iv) espécies com ocorrência em todo o estado, atingindo as áreas serranas, podendo ser encontrada em altitudes médias e altas.

Avelar, A. A. 2007. Ontogenia e dimorfismo sexual nas espécies de guaribas vermelhos, gênero *Alouatta* Lacépède, 1799 (Primates, Atelidae)

Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Zoologia, Museu Paraense Emílio Goeldi e Universidade Federal do Pará
Orientador: José de Sousa e Silva Júnior

O dimorfismo sexual nas espécies de guaribas é bem conhecido em animais adultos. Sabe-se que em todas as espécies do gênero *Alouatta* os machos são consideravelmente maiores e mais pesados que as fêmeas. Entretanto, o dimorfismo sexual não é homogêneo em todas as espécies de guaribas, e *A. seniculus* é considerada a espécie mais dimórfica do gênero. Além disso, pouco se sabe sobre a ontogenia do dimorfismo sexual nestas espécies. O propósito deste trabalho foi avaliar a ontogenia do dimorfismo sexual em cinco espécies intimamente relacionadas de guaribas: *Alouatta seniculus*, *A. juara*, *A. macconnelli*, *A. puruensis* e *A. nigerrima*, e estabelecer um método para identificação de classes etárias mais precisas nestes animais. Foram mensuradas 25 variáveis cranianas e três do osso hióide de 329 crânios, e examinada a coloração da pelagem de 192 peles de indivíduos de todas as idades. Teste t de Student foi aplicado para a verificação de dimorfismo sexual nas classes etárias, e Análise da Função Discriminante (AFD) foi empregada para se observar a significância dos agrupamentos etários em relação às variáveis craniométricas. ANOVA foi utilizada para a verificação de crescimento das medidas cranianas nos adultos de *A. macconnelli*. O reconhecimento de cinco classes etárias entre os adultos foi feito através da avaliação do desgaste oclusal e do grau de fechamento das suturas cranianas, mas não reconhecíveis através de variáveis cranianas apenas. Em todas as AFDs aplicadas aos conjuntos de adultos, as equações resultantes não foram estatisticamente significativas. Nenhuma classe etária anterior à idade adulta apresentou dimorfismo sexual nas dimensões cranianas, e características sexualmente dimórficas só foram percebidas a partir da idade classe adulta mais jovem (AD1). A espécie com maior grau de dimorfismo sexual foi *A. macconnelli*, e as características sexualmente dimórficas do crânio aparecem de forma mais precoce nesta espécie. Em comparação com *A. macconnelli*, *A. nigerrima* possui um número consideravelmente menor de variáveis sexualmente dimórficas na fase adulta. Isso pode sugerir diferenças no comportamento social desta espécie, já que o dimorfismo sexual é influenciado em grande parte pela competição entre os machos pelo acesso aos recursos e à cópula. A variável com maior índice de dimorfismo sexual foi o comprimento do canino, que nas fêmeas equivale à cerca de 60% do comprimento do canino dos machos. O dimorfismo sexual é intenso nas variáveis da região da face e do aparato mastigatório, enquanto que nas estruturas associadas ao neurocrânio essa diferença praticamente não existe,

o que mostra que as pressões por dimensões maiores nos machos não afetam a região neural do crânio. Em *A. macconnelli*, há evidências de crescimento em dimensões cranianas depois de alcançada a fase adulta. Esse fato foi observado em sete variáveis das fêmeas e cinco variáveis dos machos. Isso pode ter conseqüências em estudos sistemáticos e populacionais, por exemplo, se nas amostras houver crânios de diferentes classes de adultos. As diferenças ontogenéticas na coloração da pelagem são muito sutis, e normalmente estão relacionadas a processos de despigmentação em campos cromatogênicos específicos, apesar da grande variação do padrão mais freqüente. Essas variações têm, na maioria dos casos, origem individual. As alterações ontogenéticas na forma do crânio são mais intensas nos machos que nas fêmeas, e dão ao crânio dos machos um aspecto proporcionalmente mais estreito no sentido látero-lateral, e mais achatado em sua altura. Os problemas de amostragem existentes foram agravados pelo procedimento de estratificação das amostras em classes sexuais e etárias, havendo prejuízo nas análises de várias classes etárias.

Macedo, J. 2007. Reprodução, fator de condição e dinâmica temporal de uma população do marsupial didelfídeo *Marmosops incanus* na Serra dos Órgãos.

Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação em Ecologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Orientador: Rui Cerqueira

Uma população do marsupial didelfídeo *Marmosops incanus* foi estudada sob diversos aspectos com o intuito de elucidar a sua dinâmica populacional e estratégias reprodutivas. Os objetivos foram descrever a reprodução e estimar os parâmetros populacionais; investigar a relação entre o fator de condição e a abundância e disponibilidade de recursos; e descrever e correlacionar séries temporais de abundância e fator de condição com a precipitação, disponibilidade de recursos e abundância de potenciais predadores. O estudo foi conduzido em uma área de Mata Atlântica de encosta na Serra dos Órgãos, dentro do perímetro do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, no município de Guapimirim, Rio de Janeiro. Neste trabalho foram usados os dados de um monitoramento bimestral por captura-marcação-e-recaptura de oito anos de duração. Foram capturados 175 indivíduos num total de 434 capturas. A reprodução foi sazonal, indivíduos com sinais de atividade reprodutiva foram capturados entre outubro e fevereiro. Nenhum indivíduo passou por mais de uma estação reprodutiva e a sobreposição de gerações foi muito baixa, o que indica que esse marsupial apresenta padrão reprodutivo semélparo para ambos os sexos. A variação da abundância populacional também teve um padrão estacional, com picos nos meses de agosto e outubro e quedas nos meses de fevereiro e abril. A capturabilidade dos jovens foi baixa, provavelmente devido a um cuidado parental prolongado. O fator de condição mensal também teve variação estacional, exceto nos dois primeiros anos, onde a amplitude da variação foi baixa. A abundância não foi correlacionada ao fator de condição, indicando que baixa competição intraespecífica por recursos. O folhiço foi o único indicador de disponibilidade de recursos relacionado ao fator de condição sem defasagem de tempo. Aparentemente a flutuação do fator de condição está relacionada com a alocação de recursos para a reprodução e sofre pouca influência da variação dos indicadores da disponibilidade de recursos e da abundância populacional. O fator de condição mensal e anual apresentou tendência decrescente nos oito anos investigados. As séries temporais da abundância de predadores apresentaram tendência crescente ao longo do tempo. Apenas a série de biomassa de artrópodes não apresentou sazonalidade. A abundância de *M. incanus* não parece sofrer uma pressão negativa da abundância dos predadores. A precipitação não apresentou correlações positivas com os parâmetros populacionais, mas foi relacionada aos indicadores da disponibilidade de recursos. Estes por sua vez foram correlacionados com os parâmetros populacionais com atrasos na resposta de até 14 meses, indicando influência na geração seguinte.

LITERATURA CORRENTE

ALIMENTAÇÃO

Anacleto, T. C. S. *; Diniz-Filho, J. A. F.; Vital, M. V. C. 2006. Estimating potential geographic ranges of armadillos (Xenarthra, Dasypodidae) in Brazil under niche-based models. Mammalia-. 2006; 70: 202-213. (*Universidade do Estado de Mato Grosso, Departamento de Biologia, CP 08, 78690-000 Nova Xavantina, MG, Brazil. Email: teresacristinaa@yahoo.com)

Brack, V. Jr. & LaVal, R. K.* 2006.: Diet of the gray *Myotis* (*Myotis grisescens*): variability and consistency, opportunism, and selectivity. Journal of Mammalogy, 87(1): 7-18. (Department of Ecology and Organismal Biology, Indiana State University, Terre Haute, IN 47089, USA. vbrack@environmentalsi.com)

Di Beneditto, A. P. M.* & Siciliano, S. 2007. Stomach contents of the marine tucuxi dolphin (*Sotalia guianensis*) from Rio de Janeiro, south-eastern Brazil. Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom, 87: 253-254. (Universidade Estadual do Norte Fluminense, CBB, Lab. de Ciências Ambientais, Av. Alberto Lamego, 2000, Campos, RJ, 28013-602, Brazil. anapaula@uenf.br).

Campos, C. B.*; Esteves, C. F.; Ferraz, K. M. P. M. B.; Crawshaw Jr., P. G.& Verdade, L. M. (2007): Diet of free-ranging cats and dogs in a suburban and rural environment, South-Eastern Brazil. Journal of Zoology, 273: 14-20. (College of Agriculture (ESALQ), University of São Paulo (USP), Av. Padua Dias 11, PO Box 09, Piracicaba, SP, 13418-900, Brazil. cbcampos@esalq.usp.br)

Casella, Janaina *; Caceres, N. C. 2006. Diet of four small mammal species from Atlantic forest patches in South Brazil. 2006. Neotropical Biology and Conservation. 11: 5-11 (Universidade Federal de Mato Grosso, CCBS, Programa Posgrad Ecol and Conservacao, CxP 549, BR-79070900 Campo Grande, MS, Brazil. E-mail: janacas@gmail.com)

Henry, M. & Kalko, E. K. V.*. 2007. Foraging strategy and breeding constraints of *Rhinophylla pumilio* (Phillostomidae) in the Amazon lowland. Journal of Mammalogy, 88: 81-93. (*University of Ulm, Department of Experimental Ecology, Albert-Einstein allee 11, D-89069 Ulm, Alemanha. E-mail: Elizabeth.kalko@uni-ulm.de).

Uieda, W.*; Sato, T. M.; Carvalho, M. C. & Bonato, V. 2007. Fruits as unusual food items of the carnivorous bat *Chrotopterus auritus* (Mammalia, Phyllostomidae) from southeastern Brazil. Revista Brasileira de Zoologia, 24: 844-847. (Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências, UNESP, 18618-000, Botucatú, SP. E-mail: wuieda@ibb.unesp.br).

Vilela, S. 2007. Simpatria e dieta de *Callithrix penicillata* (Hershkovitz) (Callitrichidae) e *Cebus libidinosus* (Spix) (Cebidae) em matas de galeria do Distrito Federal, Brasil. Revista Brasileira de Zoologia, 24: 601-607. (Rua Tenente João dos Santos Pessoa 602, Bairro Mataruna, 28860-000, Casimiro de Abreu, RJ. E-mail: sinaralv@yahoo.com.br).

Voigt, C.* & Kelm, D. H. 2006. Host preference of the common vampire bat (*Desmodus rotundus*; Chiroptera) assessed by stable isotopes. Journal of Mammalogy, 87(1): 1-6. (Wildlife Research, Evolutionary Ecology Research Group, PF 601103, 10252 Berlin, Germany. voigt@izw-berlin.de).

COMPORTAMENTO

Brosnan, S. F.*; Freeman, C. & De Waal, F. B. M.. 2006: Partner's behavior, not reward distribution, determines success in an unequal cooperative task in Capuchin Monkeys. American Journal of Primatology, 68: 713-724. (Department of Anthropology, Emory University, 1557, Dickey DRive, Atlanta, GA 30322. sbrosna@emory.edu)

Gonçalves, G. L.*; Faria-Correa, M. A.; Cunha, A. S. & Freitas, T. R. O. 2007: Bark consumption by the spiny rat *Euryzygomatomys spinosus* (G. Fischer) (Echimyidae) on a Pinus taeda Linneaeus (Pinaceae) plantation in South Brazil. Revista Brasileira de Zoologia, 24(1): 260-263. (Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal, Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Av. Bento Gonçalves 9500, 91501-970 Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. gilopesg@yahoo.com.br).

Mourthé, I. M. C.; Guedes, D.; Fidelis, J.; Boubli, J. P.; Mendes, S. L. & Strier, K. B.* 2007. Ground use by Northern Muriquis (*Brachyteles hypoxanthus*). American Journal of Primatology 69: 706-712. (* Department of Anthropology, University of Wiscosin-Madison, 1180 Observatory Drive, Madison, WI 53706, Estados Unidos. E-mail: kbstrier@wisc.edu).

Póvoa, C. P. & Brandenburgo, M. A. M. * 2007. Study of the social hierarchy and territoriality of *Calomys callosus* Rengger, 1830 (Rodentia: Cricetidae). Brazilian Journal of Biology, 67: 429-432. (Instituto de Genética e Bioquímica, UFU, Av, Eng. Diniz, 1178, CP 593, 38400-902, Uberlândia, MG). E-mail: mbrandedeburgo@hotmail.com).

Verderane, M. P.; Fatólico, T.; Resende, B. D.; Labruna, M. B.; Izar, P.*& Ottoni,E. B. 2007: Anting in a semifree-ranging group of *Cebus apella*. International Journal of Primatology, 28(1): 47-53. (Department of Experimental Psychology, University of São Paulo, Av. Prof. Mello Moraes, 1721, cep 05508-020, Brazil. verderan@usp.br)

Vogel, E. R.* & Fuentes-Jimenez, A. 2006: Rescue behavior in white - faced Capuchin Monkeys during an intergroup attack: support for the infanticide avoidance hypothesis. American Journal of Primatology, 68: 1012-1016. (Department of Anthropology, University of California-Santa Cruz, 1156 High Street, Santa Cruz, CA 95064.

evogel@ucsc.edu).

Zuri, I.; D. Nguyen; Y. Daniels & M. Halpem. 2007. Skin, gland, and urine odors elicit intense investigation by male gray short-tailed opossums, *Monodelphis domestica*. Canadian Journal ofZoology. 2007; 85(4): 450-457. (Suny Downstate Med icalCenter, Department of Anatomy and Cell Biol, 450 Clarkson Ave, Brooklyn, NY 11203 USA. E-mail: mimi.halpern@downstate.edu)

CONSERVAÇAO E MANEJO

Bovendorp, R. S.; Galetti, M.*. 2007. Density and population size of mammals introduced on a land-bridge island in southeastern Brazil. Biological-Invasions. 2007; 9(3): 353-357. (*Univrsidade Estadual Paulista, Departamento de Ecololiga, 13506-900 Sao Paulo, Brazil. EMA: mgaletti@rc.unesp.br)

Brito, D.* & Fonseca, G. A. B. 2007. Demographic consequences of population subdivision on the long-furred woolly mouse opossum (*Micoureus paraguayanus*) from the Atlantic Forest. Acta Oecologica, 31: 60-68. Rua Andrade Neves 93/801, 10510-230, Rio de Janeiro, RJ. E-mail: brito.dan@gmail.com).

Campos, C. B.*; Esteves, C. F.; Ferraz, K. M. P. M. B.; Crawshaw Jr., P. G.& Verdade, L. M. (2007): Diet of free-ranging cats and dogs in a suburban and rural environment, South-Eastern Brazil. Journal of Zoology, 273: 14-20. (College of Agriculture (ESALQ), University of São Paulo (USP), Av. Padua Dias 11, PO Box 09, Piracicaba, SP, 13418-900, Brazil. cbcampos@esalq.usp.br)

Lira, P. K.; Fernandez, F. A. S.*; Santiago, A. C. H.; Curzio, P. L. 2007. Use of a fragmented landscape by three species of opossum in south-eastern Brazil. Journal-of-Tropical-Ecology. 2007; 23(Part 4): 427-435 (*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Ecologia, CP 68020, 21941-590 Rio De Janeiro, Brazil. E-mail: rodentia@biologia.ufrj.br.0)

Wantzen, K. M. *; Siqueira, A.; Cunha, C. N.; Sá, M. F. P.. 2006. Stream-valley systems of the Brazilian Cerrado: impact assessment and conservation scheme. Aquatic Conservation. 16: 713-732.(* Univ Konstanz, Inst Limnol, Postfach M659, D-78457 Constance, Germany. Email: matthias.wantzen@uni-konstanz.de)

ECOLOGIA

Arnone, I.* & Passos, F. C. 2007. Estrutura de comunidade da quiropterofauna (Mammalia, chiroptera) do Parque Estadual de Campinhos, Paraná, Brasil. Revista Brasileira de Zoologia, 24: 573-581. (* Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências, USP, CP 11461, 05422-970, São Pualo, SP. E-mail: ives@usp.br).

Brito, D.* & Grelle, C. E. V. 2007. Estimating minimum area of suitable habitat and viable population size for the northern muriqui (*Brachyteles hyypoxanthus*). Biodiversity and Conservation, 15: 4197-4210. (*ECVMS, Instituto de Ciências Biológicas, UFMG, Av. Antônio Carlos 6627, 31270-901, Belo Horizonte, MG> E-Mail: brito.dan@gmail.com).

D'Andrea, P. S*.; Gentile, R.; Maroja, L. S.; Fernandes, F. A.; Coura, R. & Cerqueira, R. 2007. Small populations of an agroecosystem in the Atlantic Forest domain, southeastern Brazil. Brazilian Journal of Biology,. 67: 179-186. (*Laboratório de Biologia e Parasitologia de Mamíferos Silvestres Reservatórios, Departamento de Medicina Tropical, Instituto Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, Av. Brasil, 4365, 21040-360, Rio de Janeiro, RJ. E-mail: dandrea@ioc.fiocruz.br).

Christianini, A. V. & Galetti, M.* 2007. Toward reliable estimates of seed removal by small mammals and birds in the Neotropics. Brazilian Journal of Biology, 67: 203-208. (*Departamento de Ecologia, UNESP, CP 199, 13506-000, Rio Claro, SP. E-mail: mgaletti@rc.unesp.br).

Esberard, C.* & L. & Vrcibrdic, D. 2007. Snakes preying on bats: new records from Brazil and a review of recorded cases in the Neotropical Region. Revista Brasileira de Zoologia, 24: 848-853. (Instituto de Biologia, UFRRJ, CP 74507, 23851-970, seropédica, RJ. E-mail: cesberard@superig.com.br).

Farias, A. A.* & Jaksic, F. M. 2007. Effects of functional constraints and opportunism on the functional structure of a vertebrate predator assemblage. Journal of Animal Ecology, 76: 246-257. (* Departamento de Ecologia, Pontifícia Universidad Catolica de Chile, casilla 114-D, Santiago, chile. E-mail: afarias@bio.puc.cl).

Farias, A. A.* & Jaksic, F. M. El Niño events, the lean versus fat scenario, and long-term guild dynamics of vertebrate pedators in a South American semiarid ecosystem. Austral Ecology, 32: 225-238 . (* Departamento de Ecologia, Pontifícia Universidad Catolica de Chile, casilla 114-D, Santiago, chile. E-mail: afarias@bio.puc.cl).

Jimenez, J. E. 2007. Ecology of a coastal population f the critically endangered Darwin's fox (*Pseudalopex fulvipes*) on Chiloé Island, southern Chile. Journal of Zoology, 271: 63-77. (Laboratório de Ecologia, Universidad de Los Lagos, Casilla 933, Osorno, Chile. E-mail: jjimenez@ulagos.cl).

Leiner, N. O.* & Silva, W. R. 2007. Effects of resource availability on the use of space by the mouse opossum *Marmosops paulensis* (Didelphidae) in a montane Atlantic forest area in southeastern Brazil. Acta Theriologica, 52:197-204. (* Programa de Pós-Graduação em Ecologia, Instituto de Biologia, UNICAMP, 13083-970, Campinas, SP. E-mail: naleiner@gmail.com).

Mauffrey, J. F.; C. Steiner, & F. M. Catzeflis. 2007. Small-mammal diversity and abundance in a French Guianan rain forest: test of sampling procedures using species rarefaction curves. Journal of Tropical Ecology, 23: 419-425. (Univ Aix Marseille 1, Lab Populat Environm Dev, UMR 151, Case 10,3 Pl Victor Hugo, F-13331 Marseille 3, France. E-mail: jeff@up.univ-mrs.fr)

Mendes Pontes, A. R*.; Chivers, A. R. & Lee, P. C. 2007.

Effect of biomass on assemblages of large mammals in a seasonally dry forest in the Brazilian Amazonia. Journal of Zoology, 271:278-287. (*Departamento de Zoologia, Universidade Federal de Pernambuco, CCB, Rua Prof. Moraes Rego, 1235, 50740-620, PE. E-mail: rossano@ufpe.br).

Mendes Pontes, A. R.* & Chivers, D. J. 2007. Peccary movements as determinants of the movements of large cats in Brazilian Amazonia. Journal of Zoology, 273: 257-265. (*Departamento de Zoologia, Universidade Federal de Pernambuco, CCB, Rua Prof. Moraes Rego, 1235, 50740-620, PE. E-mail: rossano@ufpe.br).

Mourthé, I. M. C.; Guedes, D.; Fidelis, J.; Boubli, J. P.; Mendes, S. L. & Strier, K. B.* 2007. Ground use by Northern Muriquis (*Brachyteles hypoxanthus*). American Journal of Primatology 69: 706-712. (* Department of Anthropology, University of Wiscosin-Madison, 1180 Observatory Drive, Madison, WI 53706, Estados Unidos. E-mail: kbstrier@wisc.edu).

Rossi-Santos, M. R.*; Wedekin, L. L. & Monteiro-Filho, E. L. A. 2007: Residence and site fidelity of *Sotalia guianensis* in the Caravelas River Estuary, eastern Brazil. Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom, 87: 207-212. (Instituto Baleia Jubarte, Rua Barão do Rio Branco, 26, Caravelas-Bahia, Brazil, 45900-000. marcos.rossi@baleiajubarte.com.br)

Siciliano, S.*; Ramos, R. M. A.; Di Beneditto, A. P. M.; Santos, M. C. O.; Fragoso, A. B.; Brito Jr., J. L.; Azevedo, A. F. Vicente, A. F. C.; Zampirolli, E.; Alvarenga, F. S.; Barbosa, L. & Lima, N. R. W. 2007: Age and growth of some delphinids in south-eastern Brazil. Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom 87, 293-303. (Grupo de Estudos de Mamíferos Marinhos da Região dos Lagos, Lab. de Ecologia, Dep. de Endemias Samuel Pessoa, Escola Nacional de Saúde Pública/ FIOCRUZ, Rua Leopoldo Bulhões, 1480 - térreo, Manguinhos, RJ, 21041-210, Brazil. sal@ensp.fiocruz.br).

Tabeni, S.; Mastrantonio, L. & Ojeda, R. a. 2007. Linking small desert mammal distribution to habitat structure in a protected and grazed landscape of the Monte, Argentina. Acta Oecologica, 31: 259-269. (GIB, CONICET, IADIZA, Av. a. Ruiz Leal s/n, CC 507, 5500, Mendoza, Argentina. E-mail: mariatabeni@hotmail.com).

Umetsu, F & R. Pardini, .2007. Small mammals in a mosaic of forest remnants and anthropogenic habitats-evaluating matrix quality in an Atlantic forest landscape. Landscape Ecology, 22: 517-530. (Universidade de São Paulo, Dept Zool, Rua Matao Travessa 14,101, BR-05508900 Sao Paulo, SP, Brazil. E-mail: renatapardini@uol.com.br)

Wedekin, L. L.*; Daura-Jorge, F. G. Piacentini, V. Q. & Simões-Lopez, P. C. 2007. Seasonal variation in spatial usage by the estuarine dolphin *Sotalia guianensis* (van Bénéden, 1864) (Cetácea; Delpinidae) at its southern limit of distribution. Brazilian Journal of Biology 67: 1-8. (*Laboratório de Mamíferos Aquáticos, Departamento de Ecologia e Zoologia, CCB, UFSC, Campus Universitário s/no, 88040-900, Florianópolis, SC. E-mail: Iwedekin@hotmail.com).

Zapata-Ríos, G.*; Araguillin, E. & Jorgenson, J.P. 2006: Caracterización de la comunidad de mamíferos no voladores en la Estribaciones Orientales de la Cordilleras del Kutukú, Amazonía Ecuatoriana. Mastozoología Neotropical, 13(2): 227-238. (Wildlife Conservation Society, Ecuador Program. San Francisco 441 y Mariano Echeverría, PO Box 17-21-168, Quito, Ecuador. gzapata@wcs.org)

FISIOLOGIA

Ribeiro, M. C. P. & Bicudo, J. E. P. W.* 2007. Oxygen consumption and thermoregulatory responses in three species of South American marsupials. Comparative Biochemistry and Physiology, Part A, 147: 658-664. (*Departamento de Fisiologia, Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, 05508-900, São Paulo, SP. E-mail: jebicudo@ib.usp.br).

GENÉTICA

Chan, Y. L.*; Anderson, C. N. K. & Hadly, E. A. 2006. Bayesian estimation of the timing and severity of a population bottleneck from ancient DNA. PLOS Genetics, 2:451-460. (* Department of Biological Sciences, Stanford University, Stanford, California, Estados Unidos. E-mail:yvonchan@stanford.edu).

Cheverud, J. M.* & Marroig, G. 2007. Comparing covariance matrices: random skewers method compared to the common principal components model. Genetics and Molecular Biology, 30: 461-469. (*Department of anatomy and Neurobiolgy, Washington University School of Medicine, 660 s. Euclid Av., Campus box 8108, Saint Louis, MO 63110, Estados Unidos. E-mail: pcg.wustl.edu).

Fernández-Stolz, G. P.*; Stolz, J. F. B.; de Freitas, T. R. O. 2007. Bottlenecks and dispersal in the Tuco-Tuco das dunas, *Ctenomys flamarioni* (Rodentia: Ctenomyida), in Southern Brazil. Journal of Mammalogy, 88(2): 935-945. (Programa de Pós-Graduação em Genética e Biologia Molecular, Prédio 43323, PO Box 15053, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Av. Bento Gonçalves 9500, 91501-970 Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. gabriela.fernandez@ufrgs.br)

Henrique-Silva, F.*; Cervini, M.; Rio. W. M.; Lusa, A. L.; Loopes, A.; Gonçalves, D.; Fonseca, D.; Franzin, F.; Damalio, J.; Scaramuzzi, K.; Camilo, R.; Ferrarezi, T.; Libertao, M.; Mortari, N. & Matheucci Jr., E. 2007. Rapid identification of capibara (*Hydrochaeris hydrochaeris*) using allele-specific PCR. Brazilian Journal of Biology, 67: 189-190.

Nascimento, F. F.; Bonvicino, C. R. & Seuánez, H. N.* 2007. Population genetic studies of *Allouatta caraya* (Allouattinae, Primates): inferences on geographic distribution and Ecology. American Journal of Primatology

69:1-12. (*Divisão de Genética, Instituto Nacional de Cancer, Rua André Cavalcanti 37, 20231-050, Rio de Janeiro, RJ. E-mail: genetics@inca.gov.br).

Paresque, R.; Silva, M. J. J.; Yonenaga-Yassuda, Y. & Fagundes, V.* 2007. Karyological geographic variation of *Oligoryzomys nigripes* Olfers, 1818 (Rodentia, Cricetidae) from Brazil. Genetics and Molecular Biology, 30(1): 43-53. (Laboratório de Genética Animal, Departamento de Biologia, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Av. Marechal Campos 1468, 29040-900, Campus Maruípe, Vitória, ES, Brazil. vfagunde@npd.ufes.br).

Provensal, M. C.*; Calderón, G. E.; Chiappero, M. ; Gardenal, C. N.; Polop, J. J. & Sabattini, M. S. 2005. Morphometric and allozymic characterization of *Necromys benefactus* populations in Central Argentina. Mastozoología Neotropical, 12: 261-268. (Departamento de Ciencias Naturales, Universidade Nacional de Río Cuarto, Río Cuarto, Córdoba, Argentina. cprovensal@exa.unrc.edu.ar).

Svartman, M.*; Stone, G.; Stanyon, R. 2006. The ancestral Eutherian karyotype is present in Xenarthra. PLoS-Genetics. 2006; 2: 1006-1011. (*NCI, Comparat Mol Cytogenet Core, Bethesda, MD 20892 USA. Email: svartmanm@hotmail.com)

Triant, D.A.* & DeWoody, J.A. (2007): The occurrence, detection, and avoidance of mitochondrial DNA translocations in mammalian systematics and phylogeography. Journal of Mammalogy, 88(2): 908-920. (Department of Forestry & Natural Resources, Purdue University, West Lafayette, IN 47907-1159, USA. dtriant@cvm.tamu.edu)

LIVROS

Cronemberger, C. & Viveiros de Castro, E. B. (Orgs). 2007. Ciência e Conservação na Serra dos Orgãos. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Brasília.

MORFOLOGIA

Braz, D. C.*; Pinheiro, A. M. V. N.; Moura, W. L.; Carvalho, M. A. 2006. Descrição histológica dos incisivos da cutia *Dasyprocta prymnolopha* (Wagler, 1831). 2006. Ciencia Animal Brasileira. 7: 177-185. (*Universidade Federal do Piaui, Teresina, PI, Brazil. Email: deborabraz2005@hotmail.com)

D' Anatro, A. & Lessa, E. P.* 2006. Geometric morphometric analysis of geographic variation in the Río Negro tuco-tuco, *Ctenomys rionegrensis* (Rodentia, Ctenomyidae). Mammalian Biology, 71: 288-298. (Sección Evolución y Sistemática, Facultad de Ciencias, Iguá 4225, Montevideo 11400. uruguay.passer@fcien.edu.uy).

Rivas, B. A.* & Linares, O. J. 2006. Cambios en la forma de la pata posterior entre roedores sigmodontinos según su locomoción y habitat. Mastozoología Neotropical 13: 205-215. (Museo de Historia Natural La Salle, Apdo. 1930, Caracas 1010-A, Venezuela. belkis.rivas@fundacionsalle.org.ve).

Sassi, P. L.*; Borghi, C. E. & Bozinovic, F. 2007. Spatial and seasonal plasticity in digestive morphology of cavies (*Microcavia australis*) inhabiting habitats with different plant qualities. Journal of Mammalogy, 88:165-172. (*Biodiversity Resarch Group, IADIZA, Centro Regional de Investigaciones Científicas y Tecnológicas, CC 507, 5500, Mendoza, Argentina. E-mail:psassi@lab.cricyt.edu.ar).

Schleich, C. E.*; Begall, S. & Burda, H. 2006. Morpho-functional parameters of the inner ear in *Ctenomys talarum*; Rodentia Ctenomidae. Folia Zoologica 55:264-272. (* Departamento de Biologia, Universidad Nacional de Mar del Plata, Mar del Plata 7600, Argentina. (*cshleic@mdp.edu.ar).

MISCELÂNEA

Cossíos, D.* & Angers, B. 2006. Identification of Andean Felid feces using PCR-RFLP. Mastozoología Neotropical, 13: 239-244. (Départment de Sciences Biologiques de Montréal, CP 6128, Succ.: Centre-Ville, Montréal, H3C 3J7, Canada. eduardo.daniel.cossios.meza@umontreal.ca).

Esbérard, C. E. L. & Bergallo, H. G.*2005. Coletar morcegos por seis ou doze horas a cada noite? Revista Brasileira de Zoologia, 22: 1095-1098. (Departamento de Ecologia, IBRAG, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rua São Francisco Xavier 524, 20559-900 Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. cesberard@terra.com.br).

Palma, A. R. T. & Gurgel-Gonçalves, R.* 2007. Morphometric identification of small mammal footprints in the Brazilian Cerrado. Revista Brasileira de Zoologia, 24: 333-343. (* Laboratório de Zoologia, Curso de Ciências Biológicas, Universidade Católica de Brasília, QS 07 Lote 1 EPTC Bloco M, 72030-170 Brasília, DF. E-mail: rgurgel@ucb.br)

Rocha,V. J.; Aguiar, L. M.; Ludwig, G.; Hilst,C. L. S.; Teixeira, G. M.; Svoboda, W. K.*; Shiozawa, M. M.; Malanski, L. S.; Navarro ,I. T.; Mariño, J. H. F.& Passo, F. C. 2007. Techniques and trap models for capturing wild tufted capuchins. International Journal of Primatology, 28(1): 231-243. (Klabin S.A., Manejo Ambiental, Fazenda Monte Alegre, Lagoa s/nº - Pesquisa Florestal, cep: 84279-000, Lagoa- PR, Brasil.vlamir@klabinpr.com.br).

Santos-Filho, M.*; Silva, D. J. & Sanaiotti, T. M. 2006. Efficiency of four trap types in sampling small mammals in forest fragments, Mato Grosso, Brazil. Mastozoología Neotropical, 13: 217-225. (Universidade do Estado de Mato Grosso, Rua São Pedro, s/nº, Cavalhada, 78200-000, Cáceres, MT, Brasil. lycalopex@zipmail.com.br).

Srbek-Araujo, A. C. & Chiarello, A. G.* 2007. Armadilhas fotográficas na amostragem de mamíferos: considerações metodológicas e comparação de equipamentos. Revista Brasileira de Zoologia, 24: 647-656. (* Programa de

Pós-Graduação em Zoologia de Vertebrados, PUC Minas Gerais, Av. Dom José Gaspar 500, 30535-610, Belo Horizonte, MG. E-mail: bardypus@pucminas.com.br).

PALEONTOLOGIA

Macrini, T. E, C. de Muizon; R. L. Cifelli & T. Rowe, T. 2007. Digital cranial endocast of *Pucadelphys andinus*, a paleocene metatherian. Journal of Vertebrate Paleontology, 27(1): 99-107 (American Museum of Natural History, Department of Mammallogy, Central Pk W and 79th St, New York, NY 10024 USA. E-mail: tmacrini@amnh.org)

PARASITOLOGIA

Brugni, N. & V. R. Flores. 2007. *Allassogonoporus dromiciops* n. sp (Digenea : Allassogonoporidae) from *Dromiciops gliroides* (Marsupialia : Microbiotheriidae) in Patagonia, Argentina. Systematic-Parasitology, 68(1): 45-48 (Universidad Nacional Comahue, Laboratorio de Parasitologia, Centro Regional Universitario de Bariloche, Quintral 1250, 8400 San Carlos Bariloche, Rio Negro, Argentina. E-mailil:vflores@crub.uncoma.edu.ar)

Cortez, M. R.; Pinho, A. P. ; C., P.; Alfaro, F. ; Solano, M.; Xavier, S. C. C. ; D'Andrea, P. S.; Fernandes, O.; Torrico, F.; Noireau, F.; Jansen, A. M. *. 206. *Trypanosoma cruzi* (Kinetoplastida Trypanosomatidae): Ecology of the transmission cycle in the wild environment of the Andean valley of Cochabamba, Bolivia. Experimental-Parasitology. 114: 305-313. (* Fiocruz MS, Inst Oswaldo Cruz, Dept Protozool, Av Brasil 4365, BR-21045900 Rio De Janeiro, Brazil. E-mail: jansen@ioc.fiocruz.br)

Graciolli, G.* & Bianconi, G. V. (2007): Moscas ectoparasitas (Diptera, Streblidae e Nycteribiidae) em morcegos (Mammalia, Chiroptera) em área de Floresta com Araucária no Estado do Paraná, sul do Brasil. Revista Brasileira de Zoologia, 24(1), 246-249. (Departamento de Biologia, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. CP 549, 79070-900 Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. ggraciolli@yahoo.com.br).

Herrera, H. M. ; Radmaker, V.; Abreu, U. G. P.; D'Andrea, P. S.; Jansen, A. M. *. 2007. Variables that modulate the spatial distribution of *Trypanosoma cruzi* and *Trypanosoma evansi* in the Brazilian Pantanal. Acta-Tropica. 102: 55-62. (*Fiocruz MS, Departamento de Protozoologia, Laboratório de Biologia de Tripanosomatideos, Av Brasil 4365, 21045-900 Rio De Janeiro, Brazil. Email: jansen@ioc.fiocruz.br).

Lareschi, M.*; Gettinger, D.; Nava, S.; Abba, A. & Merino, M. L. 2006. First report of mites and fleas associated with Sigmodontine Rodents from Corrientes Province, Argentina. Mastozoología Neotropical, 13: 251-254. Centro de Estudos Parasitológicos y de Vectores, Calle 2 nº 584, 1900 La Plata, Argentina. mlareschi@cepave.edu.ar).

Maldonado Jr, A. *; Gentile, R.; Fernandes-Moraes, C. C.; D'Andrea, P. S.; Lanfredi, R. M. ; Rey, L.. 2006. Helminth communities of *Nectomys squamipes* naturally infected by the exotic trematode *Schistosoma mansoni* in southeastern Brazil. Journal of Helminthology. 2006; 80(4): 369-375.AU: AD: Instituto Oswaldo Cruz, Departamento de Medicia Tropical, Laboratório de Biologia e Controle da Esquistossomose (*Av Brasil 4365, 21045-900 Rio De Janeiro, Brazil. Email: maldonad@ioc.fiocruz.br).

Marin-Vial, P.; D. G. Acuna; J. L. Diez,; P. E. Cattan & A. A. Guglielmone. 2007. Presence of *Ixodes neuquenensis* Ringuelet, 1947 (Acari : Ixodidae) on the endangered Neotropical marsupial Monito del Monte (*Dromiciops gliroides* Thomas, 1894, Microbiotheria : Microbiotheriidae) at Chiloe Island, Chile. European Journal of Wildlife Research. 53: 73-75. (* Univ Chile, Fac Ciencias Vet and Pecuarias, Santiago, Chile. E-mail: paulamarinv@yahoo.com).

Mendonça, I. L.*; Almeida, M. M.; Conde Jr, A. M.; Cavalcante, R. R.; Moura, S. G.; Carvalho, M. A. M. 2006. Análise coproparasitologica de cutias (*Dasyprocta* sp.) criadas em cativeiro. Ciência Animal Brasileira. 2006; 7: 285-288. (*Universidade Federal do Piauí, Departamento de Clínica e Cirurgia Veterinária, 64049-550 Teresina, PI, Brazil. Email: ivetemendonca@ig.com.br).

Scorolli, A. L.*; Cazorla, A. C. L. & Tejera, L. A. 2006. Unusual mass mortality of feral horses during a violent rainstorm in Parque Provincial Tornquist, Argentina. Mastozoología Neotropical, 13: 255-258. Cátedra de Zoología de Vertebrados, Departamento de Biología, Bioquímica y Farmacia, Universidad Nacional del Sur, San Juan 670, 8000 Bahía Blanca, Argentina. scorolli@criba.edu.ar).

REPRODUÇÃO

Cademartori, C. V.*; Fabián, M. E.; Manegheti, J. O. 2005. Biologia Reprodutiva de *Delomys dorsalis* (Hensel, 1872) – Rodentia, Sigmodontinae - em área de Floresta Ombrófila Mista, Rio Grande do Sul, Brasil. Mastozoología Neotropical 12: 133-144. (Pós-Graduação e Pesquisa, UNILASALLE, Av. Victor Barreto 2288, 92010-000, Canoas, RS, Brasil. titina@via-rs.net).

Esbérard, C. E. L.*; Motta, A. G.; Almeida, J. C.; Ferreira, L. C. S. & Costa, L. M. 2006. Reproduction of *Chrotopterus auritus* (Peters) in captivity (Chiroptera, Phyllostomidae). Brazilian Journal of Biology, 66: 955-956. (Departamento de Ecologia, IBRAG, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rua São Francisco Xavier 524, 20559-900 Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. cesberard@terra.com.br).

Ricklefs, R. E.* & Cadena, C. D. 2007. Lifespan is unrelated to investment in reproduction in populations of mammals and birds in captivity. Ecology Letters 10:867-875. (*Department of Biology, University of Missouri-St Louis, 8001 Natural Bridge Road, St Louis, MO 63121-

4499. E-mail: Ricklefs@umsl.edu).

Teixeira, B. R.; Roque, A. L. R.; Barreiros-Gomez, S. C.; Borodin, P. M.; Jansen, A. M & D'Andrea, P. S.* 2005. Maintenance and breeding of *Thrichomys* (Trouessart, 1880) (Rodentia, Echimyidae) in captivity. Memórias do Instituto Oswaldo Cruz 100: 627-630. (* LBCS, Departamento de Medicina Tropical, Instituto Oswaldo Cruz, Av. Brasil 2365, 21040-900, Rio de Janeiro, RJ. E-mail: dandrea&ioc.fiocruz.br).

TAXONOMIA

Bonvicino, C. R.*; Lemos, B.; Weksler, M. 2005. Small mammals of Chapada dos Veadeiros National Park (Cerrado of Central Brazil): ecologic, karyologic, and taxonomic considerations. Brazilian Journal of Biology, 65: 395-406. (Genetics Division, Instituto nacional de Câncer, Rua André Cavalcanti, 37, 4º andar, 20230-130, Rio de Janeiro, Brazil. cibelerb@inca.gov.br).

Carmignotto, A. P. & Monfort, T. *2006. Taxonomy and distribution of the Brazilian species of *Thylamys* (Didelphimorphia: Didelphidae). Mammalia, 70:126-144. (*Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, Av. Nazaré, 481, 04263-000, Ipiranga, São Paulo, SP).

Coimbra-Filho, A. F., Mittermeier, R. A., Rylands, A. B., Mendes, S. L.*, Kierulff, M. C. M. & Pinto, L. P. de S. 2006. The taxonomic status of Wied's black-tufted-ear marmoset, *Callithrix kuhlii* (Callitrichidae, Primates). Primate Conservation, 21, 1-29. (Departamento de Ciencias Biologicas – CCHN, Universidade Federal do Espirito Santo, Av. Mal. Campos 1468, Maruipe, Vitoria, 29043-900, ES, Brasil). E-mail: monomuriqui@gmail.com).

Costa, L. P.*; Pavan, S. E.; Leite, Y. L. R. & Fagundes, V. 2007. A new species of *Juliomys* (Mammalia: Rodentia: Cricetidae) from the Atlantic Forest of southeastern Brazil. Zootaxa, 1463:21-37. (Departamento de Ciências Biológicas, UFES, Av. Marechal Campos 1468, 29040-090, Vitória, ES. E-mail: leonoracosta@yahoo.com))

Couette, S.*; Escarguel, G.; Montuire, S. 2005. Constructing, bootstrapping, and comparing morphometric and phylogenetic trees: A case study of new world monkeys (Platyrrhini, Primates). Journal of Mammalogy, 86(4): 773-781. (Biogéosciences and Laboratoire EPHE, Centre des Sciences de la Terre, Université de Bourgogne, 6 Bld Gabriel, 21000 Dijon, France (SC,SM). sebastien.couette@u-bourgogne.fr).

Fagundes, V.* & Nogueira, C. D. A. (2007): The use of PCR-RFLP as an identification tool for three closely related species of rodents of the genus *Akodon* (Sigmodontinae, Akodontini). Genetics and Molecular Biology, 30(3), 698-701. (Laboratório de Genética Animal, Departamento de Biologia, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Av. Marechal Campos 1468, 29040-900, Campus Maruípe, Vitória, ES, Brazil. vfagunde@npd.ufes.br).

Gippoliti, S*. & Amori, G. 2007. The problem of subspecies and biased taxonomy in conservation lists: the case of mammals. Folia Zoologica 56:113-117. (* Istituto Italiano di antropologia, C/0 Dipartimento di Biologia Animale e dell'Uomo, La Sapeinza Università, Via Borelli 50, 00161, Roma, Italia. E-mail: spartacolobus@hotmail.com).

Gregorin, R. 2006. Taxonomia e variação geográfica das espécies do gênero *Alouatta* Lacépède (Primates, Atelidae) no Brasil. Revista Brasileira de Zoologia, 23: 64-144. (Setor de Zoologia, Departamento de Biologia, Universidade Federal de Lavras, CP 37, 37200-000, Lavras, Minas Gerais, Brasil.).

Haag, T.; Uschner, V. C.; Freitas, L. B.; Oliveira, L. F.; Langguth, A. R. & Mattevi, M. S.* 2007. Phylogenetic relationships among species of the genus *Calomys* with emphasis on South American lowland taxa. Journal of Mammalogy, 88: 769-776. (*Programa de Pós-Graduação em Genética e Toxicologia Aplicada, Universidade Luterana do Brasil. Ave. Farroupilha 8001, 92450-900, Canoas, RS. E-mail:mattevi@terra.com.br).

Larsen, P. A.*; Hoofer, S. R.; Bozeman, M. C.; Pedersen, S. C.; Genoway, H. H.; Philips, C. J.; Pumo, D. E. & Baker, R. J. 2007. Phylogenetics and phylogeography of the *Artibeus jamaicensis* complex bsed on cytochorme-b DNa sequences. Journal of Mammalogy, 88: 712-727. (* Department of Biological Sciences, Tesas Tech University, Lubbock, TX 79409. E-mail: plaresen@yahoo.com).

Nunes, C.; Ayres, J. M.; Sampaio, I; Schneider, H.* 2006. Molecular discrimination of pouched four-eyed opossums from the Mamirauá Reserve in the Brazilian Amazon. Genetics and Molecular Biology, 29: 283-286. (Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Bragança, Alameda Leandro Ribeiro, s/nº Bairro Aldeia, 68600-000 Bragança, PA, Brazil. claudian@ufpa.br).

Patterson, B. D.* & Velazco, P. M. 2006. A distinctive new cloud-forest rodent (Hystricognathi: Echimyidae) from the Manu Biosphere Reserve, Peru. Mastozoología Neotropical, 13: 175-191. (Departament of Zoology, Field Museum of Natural History, 1400 S. Lake Shore Dr, Chigaco IL 60605-2496 USA).

Schmelzle, T.*; Sánchez-Villagra, M. R. & Nummela, S. 2005. Phylogenetic transformations of the ear ossicles in marsupial mammals, with special reference to Diprotodontians: A character analysis. Annals of Carnegie Museum 74: 189-200 (Univ Tubingen, Inst Zool, Auf Morgenstelle 28, D-72076 Tubingen, Germany. Email: thomas.schmelzle@uni-tuebingen.de).

Silva, M. J. J.*; Patton, J. L. & Yonenaga-Yassuda, Y. 2007. Phylogenetic relationships and karyotype evolution in the sigmodontine rodent *Akodon* (2n=10 and 2n=16) from Brazil. Genetics and Molecular Biology, 29: 469-474. (*Laboratório de Genética, Instituto Butantan, Av. Vital Brasil 1500, 055503-900, SP. E-mail: mariajo@usp.br).

ZOOGEOGRAFIA

Anacleto, T. C. S. *; Diniz-Filho, J. A. F. & Vital, M. V. C. 2006. Estimating potential geographic ranges of armadillos (Xenarthra, Dasypodidae) in Brazil under niche-based models. Mammalia-. 2006; 70: 202-213. (*Universidade do Estado de Mato Grosso, Departamento de Biologia, CP 08, 78690-000 Nova Xavantina, MG, Brazil. Email: teresacristinaa@yahoo.com)

Adler, G.H. *; Carvajal, A.; Brewer, S.W. & Davis, S.L. Première capture de *Didelphis albiventris* (Didelphimorphia: Didelphidae), Paracou, Guyane Francaise. Mammalia. 2006; 70(3-4): 319-320 (* University of Wisconsin, Oshkosh Department of Biology and Microbiology, Oshkosh, WI 54901 USA. E-mail:adler@uwosh.edu)

Bernadi, I. P.*; Pulcherio-Leite, A.; Miranda, J. M. D. & Passos, F. C. 2007. Ampliação da distribuição de *Molossops neglectus* Williams & Genoways (Chiroptera, Molossidae) para o sul da América do Sul. Revista Brasileira de Zooogia, 24: 505-507. (*Departamento de Zoologia, UFPR, CP 19020. 81531-980, Curitiba, PR. E-mail: sturnira@gmail.com).

Bezerra, A.*; Carmignoto, A. P.; Nunes, a. P. & Rodrigues, F. H. G. 2007. New data on the distribution, natural history and morphology of *Kunsia tomentosus* (Rodentia: Cricetidae: Sigmodontinae). Zootaxa, 1505: 1-18. (*PPG biologia animal, Departamento de Zoologia, UNB, 70910-900, Brasília, DF. E-mail:abezerra@fst.com.br).

Bordignon, M. O. 2005. Geographic distribution ampliation of *Chiroderma doriae* Thomas (Mammalia, Chiroptera) in Brazil. Revista Brasileira de Zoologia, 22: 1217-1218. (Departamento de Ciências do Ambiente, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Av. Rio Branco 1270, 79304-020 Corumbá, Mato Grosso do Sul, Brasil. batbull@bol.com.br).

Caceres, N. C., V. L. Ferreira & A. P. Carmignotto. 2007. The occurrence of the mouse opossum *Marmosops ocellatus* (Marsupialia, Didelphidae) in western Brazil. Mammalian Biology,72: 45-48. (Universidade Federal de Santa Maria, Departamento de Biologia, CxP 5044, 97110-970 Santa Maria, RS, Brazil. E-mail: nc_caceres@hotmail.com).

Carrizo, L. V.*; Sánchez, M. S.; Mollerach, M. I. & Barquez, R. M. 2005. Nuevo registro de *Chaetophractus nationi* (Thomas, 1894) para Argentina; Comentarios sobre su identidad sistemática y distribución. Mastozoología Neotropical, 12: 233-236. (Facultad de Ciencias Naturales , Universidad Nacional de Tucumán. Miguel Lillo 205, 4000 San Miguel de Tucumán, Argentina. pidba@arnet.com.ar).

Cunha, A. A.* & Rajão, H. 2007. Mamíferos terrestres e aves da Terra indígena Sapukai (aldeia Guaraní do Bracuí), Angra dos Reis, RJ, Brasil. Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão (N. Ser.) 21: 19-34. (*Laboratório de Vertebrados, Departamento de Ecologia, CCS, UFRJ, Ilha do Fundão, CP 68020, 21941-590, Rio de Janeiro, RJ. E-mail: cunha.andre@gmail.com).

D'Elía G. D.* & Martínez, J. A. 2006. Registros uruguayos de *Gracilinanus* Gardner y Creighton, 1989 y *Cryptonanus* Voss, Lunde y Jansa, 2005 (Didelphimorphia, Didelphidae). Mastozoología Neotropical, 13: 245-249. (Departamento de Zoología, Casilla 160-C, Universidad de Concepción, Concepción, Chile. guillermo@udec.cl).

Dias, D.* & Perachhi, A. L. 2007. Primeiro registro de *Myotis riparius* Handley (Mammalia, Chiroptera, Vespertilionidae) no Estado do Rio de Janeiro, sudeste do Brasil. Revista Brasileira de Zoologia 24: 508-511. (* Instituto de Biologia, UFRRJ, Antiga Rodovia Rio-São Paulo, km 47, 23890-000, Seropédica, RJ. E-mail: Dani_dias262@yahoo.com.br).

Esbérard, C. E. L. & Bergallo, H. G.* 2005. Research on bats in the State of Rio de Janeiro, Southeastern Brazil. Mastozoología Neotropical, 12: 237-243. (Departamento de Ecologia, Universidade do Estado do rio de Janeiro, Rua Francisco Xavier 540, 20559-900, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. cesberard@terra.com.br).

Esbérard, C. E. L.*& Faria, D. 2005. Novos registros de *Phylloderma stenops* Peters na Mata Atlântica, Brasil (Chiroptera, Phyllostomidae). Biota Neotropica, 6: 01-05. (Departamento de Ecologia, Universidade do Estado do rio de Janeiro, Rua Francisco Xavier 540, 20559-900, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. cesberard@terra.com.br).

Goldani, A. ; Carvalho, G. S. & Bicca-Marques, J. C.* 2006. Distribution patterns of Neotropical primates (Platyrrhini) based on parsimony analysis of endemicity. Brazilian Journal of Biology, 66: 61-74. (Faculdade de Biociências, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Avenida Ipiranga, 6681, 90619-900, Porto Alegre, RS, Brazil).

Gonzalez-Ittig, R. E.; Patton, J. L. & Gardenal, C. N.* 2007. Analysis of citochorme-b nucleotide diversity confirms a recent range expansion in *Calomys musculinus* (Rodentia, Muridae). Journal of Mammalogy, 88:777-783. (*Cátedra de Genética de Poblaciones y Evolución, Facultad de Ciências Exactas, Físicas y Naturales. Universidade Nacional de Códoba, Avenida Vélez Sarsfield 299, 5000 Córdoba, Argentina. E-maio:ngardenal@efn.uncor.edu).

Jayat, J. P.*; Ortiz, P. E.; Teta, P.; Pardiňas, U. F. J. & D´Elía, G. D. 2006. Nuevas localidades argentinas para algunos roedores sigmodontinos (Rodentia: Cricetidae). Mastozoología Neotropical, 13: 51-67. (LIEY, Facultad de Ciencias Naturales e Instituto Miguel Lillo, Universidad Nacional de Tucumán, Casilla de Correo 34, 4107 Yerba Buena, Tucumán, Argentina.).

Jayat, J. P.* & Pacheco, S. 2006. Distribuición de *Necromys lactens* y *Phyllotis osilae* (Rodentia: Cricetidae: Sigmodontinae) em el noroeste argentino: Modelos predictivos basados em el concepto de nicho ecológico. Mastozoología Neotropical, 13(1), 69-88. (LIEY, Facultad de Ciencias Naturales e Instituto Miguel Lillo, Universidad Nacional de Tucumán, Casilla de Correo 34, 4107 Yerba Buena, Tucumán, Argentina.).

Jayat, J. P.* & Miotti, M. D. 2005. Primer registro de *Monodelphis kunsi* (Didelphimorphia, Didelphidae) para Argentina. Mastozoología Neotropical, 12(2), 253-256. (laboratorio de Investigaciones Ecológicas de las Yungas, Facultad de Ciencias Naturales, Universidad Nacional de Tucumán, Casa de correo 34, 4107 Yerba Buena, Tucumán, Argentina. pjayat@tucbbs.com.ar).

Lima, J. F.de S.*; Hidasi, J.& Veiga, N. 2005. Estudo da diversidade de mamíferos de médio e grande porte da Região do Jalapão, Tocantins, Brasil. Bol. Mus. Para Emilio Goeldi. ser. Ciencias Naturais. Belém 1(2), 233-240. (UNESP/FCA. Dep. de Recursos Naturais. Setor de Ciências Ambientais. CP 237. 18603-970. Botucatu-SP. jfslima@hotmail.com).

Lobos, G.; Charrier, A.; Carrasco, G.; Palma, R. E.* 2005. Presence of *Dromiciops gliroides* (Microbiotheria: Microbiotheriidae) in the deciduous forests of central Chile. Mammalian Biology, 70:376-380. (Pontificia Univ Catolica Chile, Dept Ecol, Fac Ciencias Biol, Alameda 340, Santiago 6513677, Chile. epalma@bio.puc.cl)

Marques, A. C & Lamas, C. J. E. 2006. Taxonomia zoológica no Brasil: estado da arte, expectativas e sugestões de ações futuras. Papeis avulsos de Zoologia 46:139-174. Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, Av. Nazaré, 481, 04263-000, Ipiranga, São Paulo, SP).

Medina, A. I.; Marti, D. A. & Bidau, C. J.* 2007. Subterranean rodents of the genus *Ctenomys* (Caviomorpha, Ctenomyidae) follow the converse to Bergmann's rule. Journal of Biogeography, 34: 1439-1454. (*Laboratório de Biologia e Parasitologia de Mamíferos silvestres Reservatórios, Departamento de Medicina Tropical, Instituto Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, Av. Brasil, 4365, 21040-360, Rio de Janeiro, RJ. E-mail: bidau47@yahoo.com).

Mello, M. A. R.* & Pol, A. 2006. First record of the bat *Mimon crenulatum* (E. Geoffroy, 1801) (Mammalia: Chiroptera) in the State of Rio de Janeiro, Southeastern Brazil. Brazilian Journal of Biology, 66(1B):295-299. (Programa de Pós-Graduação em Ecologia, Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, 13083-970, Cidade Universitária, Campinas, SP, Brazil. marmello@gmail.com).

Netto, R. F.* & Siciliano, S. 2007. Contribuição ao conhecimento da distribuição da toninha *Pontoporia blainvillei* (Gervais & d'Orbigny, 1844) no Estado do Espírito Santo, sudeste do Brasil. Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão (N. Ser.) 21: 35-45. (CEMARES, Rua Celso Calmon 445/801, 29055-590, Praia do Canto, Vitória, ES. E-mail: Ricardofreitas@cemares.org.br).

Pardiñas, U. F. J.; Cirignoli, S. & Galliari, C. A.* 2004. Distribution of *Pseudoryzomys simplex* (Rodentia: Cricetidae) in Argentina. Mastozoología Neotropical – Journal of Neotropical Mammalogy, 11(1):105-108. (Centro Nacional Patagónico, Casilla de Correo 128, 9120 Puerto Madryn, Chubut, Argentina (UFJP). ulises@cenpat.edu.ar).

Porcasi, X.*; Calderón, G.E.; Lamfri, M.; Scavuzzo, M.; Sabattini, M.S. & Polop, J.J. 2005. Predictive distribution maps of rodent reservoir species of zoonoses in Southern America. Mastozoología Neotropical, 12(2), 199-216. (Comisión Nacional de Actividades Espaciales, Centro Espacial Teófilo Tabanera, Córdoba, Argentina. agencia postal nº 3, 5800 Río Cuarto, Córdoba, Argentina. jpolop@exa.unrc.edu.ar).

Ríos-Uzeda, B.*; Wallace, R.B. & Vargas, J. 2004. La Jayupa de la Altura (*Cuniculus taczanowskii*, Rodentia, Cuniculidae), un nuevo registro de mamífero para la fauna de Bolivia. Mastozoología Neotropical – Journal of Neotropical Mammalogy, 11(1): 109-114. (Wildlife Conservation Society, Living Landscapes Program, Northwestern Bolivian Andes Landscapes Conservation Program, Casilla 3-35181, San Miguel, La Paz.).

Rumiz, D. I.*; Pardo, E.; Eulert; C. F.; Arispe, R.; Wallace, R. B.; Gomez, H. & Ríos-Uzeda, B. 2007. New records and a status assesment of a rare dwark brockt deer from the montane forests of Bolivia. Journal of Zoology, 271:428-436. (* Museo de Historia Natural Noel Kempf Merecado, Casilla 6272, Santa Cruz, Bolívia. E-mail: confauna@scbbs-bo.com).

Sauthier, D.E.U.* & Pardiñas, U.F.J. 2006. Micromamíferos terrestres de Puerto Lobos, Chubut, Argentina. Mastozoología Neotropical, 13(2): 259-262. (Centro Nacional Patagónico, Bv. Brown s/nº, casilla de correo 128, 9120 Puerto Madryn, Chubut, Argentina. ulyses@cenpat.edu.ar).

Solari, S. 2007. New species of *Monodelphis* (Didelphimorphia: Didelphidae) from Peru, with notes on *M. adusta* (Thomas, 1897). Journal of Mammalogy, 88: 319-329. (Departament of Biological Sciences, Texas Tech University, Lubbock, TX 79409-3131, USA. sergio.solari@ttu.edu).

Vila, A.R.*; López, R.; Pastore, H.; Faúndez, R. & Serret, A. 2006: Current distribution and conservation of the Huemul (*Hippocamelus bisulcus*) in Argentina and Chile. Mastozoología Neotropical, 13(2): 263-269. (Wildlife Conservation Society, CC 794 (8400) Bariloche, Río Negro, Argentina).

Werner, F.A.*; Ledesma, K.J. & Hidalgo, R.B. 2006. Mountains Vizcacha (*Lagidium cf. peruanum*) in Ecuador - First record of Chinchilidae from the Northern Andes. Mastozoología Neotropical 13(2), 271-274. (Departament of Biological Sciences, Florida Atlantic University, Boca Raton, USA. florianwerner@yahoo.com).

Zanon, C. B. V.* & Reis, N. 2007. Bats (Mammalia, Chiroptera) in the Ponta Grossa region, Campos Gerais, Paraná, Brazil. Revista Brasileira de Zoologia, 24: 327-332. (Departamento de Biologia Animal e Vegetal, Universidade Estadual de Londrina, 86051-990, Londrina, PR. E-mail: cibelezanon@yahoo.com.br).

NOTICIAS

IV BRASILEIRO DE MASTOZOOLOGIA

A comissão organizadora do IV Congresso Brasileiro de Mastozoologia vem informar que, por razões logísticas, o Congresso foi transferido de local e data. O congresso será realizado de 18 a 22 de agosto de 2008, no Hotel Guanabara, na cidade de São Lourenço - MG.

Inscrições e maiores informações podem ser obtidas na página do congresso:
http://www.sbmz.org/cbmz2008

ATENÇÃO:
Devido ao aumento crescente do número de participantes nos últimos congressos da SBMz, este ano as inscrições serão limitadas a 900 inscritos. O congresso anterior, realizado em Aracruz, ES, em 2005, teve 723 inscritos, e o I Congresso Sul-Americano em Gramado, RS, em 2007, quase 900. Espera-se uma procura equivalente ou maior para o IV Congresso no Rio de Janeiro em 2008.

Os participantes que forem sócios em dia com a SBMz terão desconto na inscrição para o congresso.

Ainda estamos abertos a propostas de mesas-redondas e simpósios.

Simpósios envolvem a organização de uma mesa-redonda seguida de uma sessão de comunicações orais sobre o tema do simpósio. Enviar a seguintes informações:

- Nome de responsável pela proposta
- Tipo de atividade: Mesa-redonda/Simpósio
- Título
- Possíveis participantes (no caso de mesa-redonda e simpósio)

Informações adicionais serão publicadas nos próximos boletins na SBMz e divulgadas na página do congresso.

Cordialmente,

Comissão organizadora do IV Congresso Brasileiro de Mastozoologia
Dr. Marcus Vinicius Vieira (presidente)
Dra. Helena Bergallo (vice-presidente)
Dr. Carlos Eduardo de Viveiros Grelle
Dr. Leonardo dos Santos Avilla
MSc. Natalie Olifiers.

ANUIDADES

A diretoria lembra aos associados que não estão em dia que ainda podem fazer o pagamento das anuidades de 2007. Com isto poderão receber as publicações da SBMz deste ano, assim como ter desconto na atividades da Sociedade.

O pagamento das anuidades de 2008 poderá ser feito a partir de janeiro. No início do próximo ano estará sendo enviada a cobrança. Recomenda-se o pagamento no começo de 2008 para evitar o atraso no envio das publicações. Os que não tiverem pagado 2007 se estiverem em dia com a Sociedade terão direito ao desconto na inscrição para o Congresso.

CONTRIBUIÇÕES PARA O BOLETIM DA SBMZ

Política editorial

O Boletim da SBMz destina-se a disseminação de informações e artigos originais de interesse geral entre os sócios da Sociedade Brasileira de Mastozoologia. Os artigos submetidos poderão ser aceitos de imediato pelos editores ou enviados a consultores ad hoc.

O material do Boletim pode ser reproduzido em qualquer forma desde que não seja para fins comerciais ou lucrativos e que haja referência explicita a fonte.

Os artigos assinados são de responsabilidade civil de seus autores, não se responsabilizando de nenhuma forma nem os editores nem a Sociedade Brasileira de Mastozoologia pelo seu conteúdo.

Normas gerais para publicação de contribuições.

Os autores devem enviar suas contribuições à Redação (labvert@biologia.ufrj.br). Elas devem ser originais e não podem ser submetidas ao mesmo tempo a outros veículos de informação. Os manuscritos devem ser submetidos por e-mail, seguindo o formato e as normas publicadas no número 48 do Boletim.

Seções redigidas pelos editores (contribuições podem ser enviadas diretamente para a redação do Boletim):

Cursos de Pós-Graduação é um informativo sobre cursos que formam mastozoólogos, e quais os orientadores disponíveis.

Literatura Corrente lista as publicações mais recentes sobre mamíferos sul-americanos, fornecendo o endereço e, quando possível, o *e-mail* dos autores.

Noticiário informa sobre eventos, cursos, novas publicações.

O que vai pelos laboratórios publica as linhas de pesquisa e os trabalhos correntes dos vários laboratórios de mastozoologia do país.

Teses e dissertações publica o resumo em português das dissertações de mestrado e teses de doutorado ou livre docência sobre mamíferos.

As demais seções publicam contribuições dos sócios, após avaliação pelo conselho editorial e parecer de consultores *ad hoc*.

Seções com Contribuições dos Sócios:

Coleções são artigos escritos pelos curadores onde estes fazem um breve histórico da coleção, seu nome, o curador e responsável técnico, a sua abrangência geográfica, número aproximado de exemplares, condições de acesso, o endereço para contato e outras informações julgadas relevantes.

Equipamentos descrevem equipamentos testados pelos autores com observações sobre seus usos e utilidade.

Faunas é a seção dedicada à publicação de listas faunísticas. A lista deve ter uma breve introdução onde se indica quando a coleção foi feita, os métodos de coleta utilizados (incluindo o tipo de armadilha), a localização georeferenciada da amostragem (quando couber), responsável (is) pela identificação e localização dos espécimes testemunho.

Métodos e técnicas. Novas técnicas ou métodos podem ser submetidos também para publicação nesta seção.

Opinião. Publica artigos com a opinião dos sócios sobre assuntos diversos, mormente os de políticas públicas relacionadas à Mastozoologia em particular ou a Ciência brasileira em geral.

Historia é a seção dedicada a História da Mastozoologia, de assuntos correlatos ou de políticas públicas de interesse de nossa comunidade.

i são artigos revendo, com alguma extensão, aspectos da Mastozoologia ou de áreas de interesse para os mastozoólogos. Também revisões metodológicas são aceitas.

Boletim da Sociedade Brasileira de Mastozoologia
Número 50
Dezembro 2007
ISSN 1808-0413

Remetente: Sociedade Brasileira de Mastozoologia
a/c João Alves de Oliveira
Museu Nacional / UFRJ
Depto. Vertebrados, Setor de Mastozoologia
Quinta da Boa Vista, s/n
20940-040 Rio de Janeiro, RJ. BRASIL

Destinatário:

IMPRESSO